



DARK NIGHTS

MIDNIGHT UNLEASHED

A Midnight Breed Novella

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LARA ADRIAN



Retorna ao New York Times e em primeiro lugar, a autora de best-sellers internacional, Lara Adrian, com a série de romances de vampiros Midnight Breed (Chicago Tribune), agora em um conto pulsante de sedução paranormal e emoções perigosas, onde uma fria beleza imortal e um letal Hunter Gen Um devem enfrentar um inimigo poderoso enquanto lutam para negar o irresistível chamado de sangue.

Mil e Uma Noites Negras

Era uma vez, no futuro...

Eu era uma estudante fascinada com histórias e em aprender.

Estudava filosofia, poesia, história, o ocultismo, e a arte e a ciência do amor e da magia. Eu tinha uma biblioteca extensa na casa do meu pai e colecionava milhares de livros sobre contos fantásticos.

Aprendi tudo sobre raças antigas tempos passados. Sobre mitos, lendas e sonhos de todos os povos do milênio. E quanto mais eu lia mais forte minha imaginação crescia, até eu descobrir que era capaz de viajar para dentro das histórias... de realmente me tornar parte delas.

Eu queria poder dizer que dei ouvidos ao meu professor e respeitei meu dom, como deveria. Se eu tivesse, não estaria lhe contando esta história agora.

Mas fui imprudente e confusa, exibindo minha bravura.

Uma tarde, curiosa com o mito das Mil e Uma Noites, voltei no tempo até a antiga Pérsia para ver por mim mesma se era verdade que todos os dias Shahryar (em Persa: شهریار , “rei”) desposava uma nova virgem, e então mandava decapitar a esposa do dia anterior. Estava escrito e eu havia lido que quando ele conheceu Scheherazade, a filha do vizir, já havia matado mil mulheres.

Alguma coisa deu errada com os meus esforços. Eu cheguei no meio da história e de alguma maneira troquei de lugar com Scheherazade – um fenômeno que jamais havia ocorrido e que até então eu não posso explicar.

Agora estou presa nesse passado remoto. Assumi a vida de Scheherazade e a única maneira que posso me proteger e permanecer viva é fazer o que ela fez para se proteger e permanecer viva.

Todas as noites o Rei me chama e me ouve prolongar contos. E quando a noite termina e o amanhecer surge, eu paro em um ponto que o deixa sem fôlego e ansiando por mais.

E então o Rei poupa minha vida por mais um dia, para que possa ouvir o resto do meu conto misterioso.

Assim que eu termino uma história... começo uma nova... como a que você, caro leitor, tem agora diante de si.



CAPÍTULO 1

Tamisia ficou parada no berço e olhou para a pequena forma rechonchuda sob o cobertor rosa. Tão preciosa e inocente. Tão ternamente mortal. Sia nunca deu à vida humana mais que um pensamento passageiro em todos os seus séculos de existência. Agora, nada significava mais para ela que a proteção dessa alma mortal e os outros sob seus cuidados no abrigo das mulheres em Roma.

Estendendo a mão, ela gentilmente tocou a ponta do dedo na tênue coroa de cachos que brotavam da cabeça da criança. Sia sorriu. Angelina era o nome do bebê, anjinho, e se encaixava. Aquele cabelo sedoso, as bochechas rosadas e a boca de querubim. Estar perto desse tipo de inocência frágil todos os dias durante o último mês era um presente, um lembrete de que, mesmo entre as mais sombrias situações, ainda havia esperança. Havia um propósito, uma razão para se levantar todas as manhãs e saudar o sol, coisas que Sia não esperava encontrar novamente, muito menos entre a humanidade.

Alguns dias, apenas por um momento ou dois, ela quase podia esquecer as circunstâncias que a trouxeram aqui em primeiro lugar.

Quase.

Fazia apenas seis semanas desde a queda da graça e o resultante banimento da colônia Atlante que há muito tempo era sua casa. Nem mesmo um piscar de tempo para um de seus semelhantes. A dor ainda estava fresca. Como sua vergonha.

Ter um trabalho real e importante a ser feito ajudava.

Sentir-se útil era a única coisa que a mantinha sã quando tudo que ela era lhe foi tirado – por culpa de ninguém, exceto dela mesma.

A imagem do rosto bonito de Elyon veio flutuando em sua mente, trazendo consigo uma segunda imagem horrível que fez sua garganta se contrair com náusea. Enquanto vivesse, nunca seria capaz de purificar a memória do assassinato de seu amigo e companheiro do conselho atlante, Nethilos. Nem jamais se perdoaria pelo preço de sua ignorância quando colocou sua confiança no homem errado.

Antes da onda de pesar e arrependimento ficarem demais, ela afastou pensamentos sobre a colônia e amigos que nunca mais veria. Sia não estava acostumada a sentir fraqueza emocional, quanto mais ceder a ela. E caramba, não estava prestes a começar agora.

Sua nova vida estava aqui, nesta cidade cheia de gente, muitas vezes brutal, neste mundo mortal e estranho.

Era uma penitência com certeza, mas ver crianças como a doce Angelina descansando em segurança, pacificamente sob seus cuidados alisava um pouco da ponta de sua melancolia. Seu trabalho aqui importava. E era o suficiente, Sia disse a si mesma.

Com pouca esperança de ser bem-vinda de volta à colônia e ao seu próprio povo, essa nova vida teria que ser o suficiente.

Retirando a mão do berço do bebê, Sia olhou através do quarto escuro para onde a mãe de vinte anos do bebê, Rosa, dormia na cama estreita. A dupla chegou ao abrigo a dois dias, sozinhas e assustadas. Felizmente para Rosa, ela não tinha nenhum hematoma ou ossos quebrados, o que eram muito comuns entre as outras chegadas

desesperadas do abrigo, mas não havia dúvidas sobre o terror nos olhos da jovem quando veio implorar porto seguro para ela e seu bebê. Ela era tímida, mal tendo contato visual com ninguém desde que chegou, sem divulgar os detalhes sórdidos de sua vida ou o abusador que a enviou correndo para o santuário.

Então, novamente, confiança, uma vez quebrada, não era uma coisa fácil de dar.

Sia entendia isso muito bem.

Ela soltou um suspiro e saiu silenciosamente do quarto, fechando a porta. Com o resto dos comandados do abrigo dormindo ou se acomodando durante a noite, Sia pegou uma cesta de toalhas e cobertores que precisavam ser lavados e levou-a para baixo, sua longa trança loira batendo contra suas coxas a cada passo.

Enquanto entrava na cozinha a caminho da lavanderia, sua única colega de trabalho e fundadora do santuário particular ergueu os olhos de uma pilha de papéis sobre a mesa.

— Não precisa fazer isso, Tamisia. — As sobrancelhas castanhas de Phaedra se uniram sobre os claros olhos dourados. — Por favor, deixe-me levar isso para você.

Quando a linda morena se levantou da cadeira para ajudar, Sia balançou a cabeça. — Está tudo bem. Gosto do trabalho. Continue com o que está fazendo.

Ela não perdeu o pequeno arco de concordância de Phaedra. Era uma resposta automática que a outra mulher ainda estava aprendendo a refrear, especialmente em torno de outras pessoas. Ninguém mais no abrigo conhecia as origens incomuns de Sia, muito menos as alturas elevadas de que havia caído como uma das mais antigas pessoas de seu povo.

Phaedra sabia por que, como Sia, ela também era Atlante, uma das poucas que viviam entre a humanidade e não com os seus. Diferente de Sia, no entanto, a vida de Phaedra fora do reino não foi forçada sobre ela. Ela se apaixonou por um homem mortal em Roma décadas atrás, então decidiu permanecer em seu mundo mesmo após a morte tê-lo tirado dela.

E, ao contrário de Sia, Phaedra não foi banida. Podia ir para casa se quisesse. Tudo que deveria fazer era chamar o pequeno orbe prateado de cristal da Atlântida que pendia da correia de couro ao redor de seu pulso e Phaedra poderia se teletransportar para onde pertencia. De fato, o poder do cristal podia carregar um atlante a qualquer lugar que desejasse; precisavam apenas se concentrar e imaginar o lugar em sua mente.

Sia se viu olhando para o pulso da amiga, uma pontada de desejo no peito. Mesmo que seu próprio cristal não fosse levado por seus colegas do conselho na colônia, provavelmente não havia nada que pudesse fazer para se redimir e persuadi-los a permitir que ela voltasse.

Phaedra sorriu gentilmente, um reconhecimento sem palavras da perda de Sia. Então cruzou as mãos no colo como se quisesse remover o lembrete visual. — Foi um longo dia. Estava pensando em terminar com uma xícara de chocolate quente e um pouco de biscoito de canela que Louisa assou esta manhã. Gostaria de se juntar a mim após colocar essas coisas na lavanderia?

Sia assentiu. — Eu adoraria.

— Ótimo. Vou colocar a chaleira.

As coisas foram agitadas no abrigo, mas foi um bom dia, na verdade, um ótimo dia. Acolheram três novas famílias no santuário, colocaram um teto sobre sete cabeças, e comida quente em bocas famintas. O fato de todas as transições terem transcorrido suavemente e de não haver algum cretino violento batendo na porta exigindo ver *sua mulher* quando as recém-chegadas se instalaram precisava ter algum tipo de registro.

Agora, pouco depois da meia-noite, a casa estava abençoadamente quieta. Nenhuma criança berrando ou sons de choro abafado dos recém-chegados. Sia deixou o silêncio envolvê-la como um cobertor quando terminou na lavanderia e voltou para a cozinha.

Um prato de biscoitos crocantes esperava no centro da mesa da cozinha enquanto Phaedra levava duas canecas de chocolate quente fumegante do fogão. — Não posso te agradecer o suficiente por concordar

em vir e ajudar aqui no abrigo, Tamisia. Não sei como eu teria conseguido sem você nas últimas semanas.

— Sou eu quem deveria te agradecer. — Sia pegou uma das canecas de sua amiga e gentilmente soprou um pouco do vapor. — Já teria enlouquecido sem algo para me manter ocupada e um lugar confortável para ficar.

— Confortável? — Ela riu baixinho. — Agora está apenas sendo educada. A casa quase não se acalma, e o minúsculo quarto no sótão que você está no andar de cima é dificilmente o que está acostumada. — Seu olhar se tornou irônico enquanto passava o prato de biscoitos pela mesa. — Ou sua breve estada com os guerreiros Raça da Ordem foi tão ruim que isso parece uma melhora?

Sia zombou da lembrança de como chegou a Roma. Os termos de seu exílio a colocaram sob os cuidados da Raça, uma raça de seres que há muito tempo eram o inimigo primário e mais perigoso de seu povo. Agora a Ordem e a colônia dançavam em torno de uma frágil trégua para se unir contra um inimigo maior.

Sia não estava certa de que a parceria podia funcionar, quanto mais durar. Sua espécie e a deles eram muito diferentes, completamente opostas, na verdade. Os atlantes prosperaram na luz e acarinharam a paz. A Raça governava a escuridão e se alimentava de derramamento de sangue, violência em sua própria natureza.

— Duas semanas entre os pagãos foi mais que suficiente. — Sia mergulhou a borda de seu biscoito no chocolate. — Qualquer coisa seria uma melhoria em relação a isso.

Apesar de ser justa, nem todos os Raças eram pagãos. No centro de comando da Ordem em Roma, foi tratada com gentileza. Em particular, pelo líder do grupo, Lazaro Archer, e sua companheira de Raça, Melena. A maioria dos outros guerreiros e suas companheiras também foram receptivos, se não um pouco curiosos sobre a desafortunada atlante de repente empurrada sobre eles como uma hóspede não convidada.

Apenas um guerreiro, um gigante ameaçador chamado Trygg, olhava para ela como se ela fosse o inimigo no meio deles. Ele mal pronunciou uma palavra ao redor dela o tempo todo que esteve lá. Não que ela quisesse. Algumas das companheiras dos outros guerreiros revelaram a ela que Trygg foi um assassino por muitos anos antes de vir para a Ordem. Não por vontade própria, mas como parte de um infame programa de treinamento criado por um louco chamado Dragos.

Trygg certamente parecia assassino. Sia estava fora do centro de comando por um mês, mas a lembrança de seu rosto áspero e cheio de cicatrizes, cabeça raspada e olhos negros, frios e desaprovadores, ainda enviava uma onda de mal-estar em seus ossos.

Sim, qualquer coisa era uma melhoria a passar mais um minuto sob o mesmo teto que ele.

Phaedra tomou um gole de sua caneca, sorrindo ao colocá-la no chão. — Bem, agradeço que esteja aqui, Tamisia. Você foi maravilhosa com as crianças hoje, especialmente Angelina. Acho que a mãe dela também gosta de você.

— Sêrio? — Sia não conseguia esconder sua surpresa. — Como sabe? Rosa é tão mansa e quieta.

Secreta, ela queria dizer, mas manteve essa observação.

— Rosa é tímida — concordou Phaedra —, mas isso pode mudar com o tempo. Não temos ideia do que ela passou.

— Ela não se abriu para você também?

Phaedra sacudiu a cabeça. — Ainda não. Mas a vi conversando com uma das outras mães hoje, então estou esperançosa de que acabe saindo de sua concha um pouco.

Um pequeno baque soou acima de suas cabeças. Não era totalmente incomum ouvir o movimento da casa, mas algo sobre isso — algo sobre a maneira abrupta como ficou em silêncio imediatamente depois — fez as veias de Sia esfriarem.

— Provavelmente apenas alguém se levantando para encontrar o banheiro — sussurrou Phaedra.

— Provavelmente — respondeu Sia. Ela não tinha motivos para pensar o contrário, mas todo instinto sobrenatural que possuía estava gritando em alarme. Quando olhou para Phaedra, viu um lampejo da mesma consciência gritante em seus olhos dourados. — Vou dar uma olhada.

— Tamisia, a casa está completamente fechada e segura. Todos os alarmes estão ligados. Ninguém pode entrar sem que todo o perímetro se ilumine e tropece numa dúzia de sirenes.

E ainda assim alguém o fez.

Sia estava quase certa disso.

E então, no andar de cima, um agudo grito feminino confirmou seus medos. O grito soou pior que dolorido. O silêncio que se seguiu não durou nem um momento, então um bebê começou a chorar.

— Oh, não. — Phaedra ficou branca como giz. — Isso vem do quarto de Rosa e Angelina.

Sia assentiu, sombria. Não era de admirar que a jovem mãe tenha parecido com tanto medo quando chegou há alguns dias. Seu pesadelo estava longe de terminar. Pelos sons horríveis disso, o homem de quem Rosa estava fugindo decidiu que ela não fugiria tão facilmente.

Um pavor frio a varreu, infiltrando-se em sua medula.

A casa inteira estava despertando agora, vibrando com confusão e terror.

Tudo que Sia ouviu foram os gemidos penetrantes do bebê inocente que ela deixou dormindo tão pacificamente há pouco tempo.

Droga, não.

Raiva quente substituiu o frio e sua visão borrada numa névoa vermelha.

— Fique aqui, Phaedra. Peça ajuda.

— Tamisia, o que vai fazer?

Ela não sabia exatamente. Não havia tempo para um plano. Só sabia que precisava agir.

Sem responder, correu para as escadas, parando apenas tempo suficiente para emitir um comando afiado para sua amiga. — A polícia, Phaedra. Faça isso agora.

Sia era imortal, desumanamente poderosa, mas não era uma lutadora. Nunca foi. Era uma política, protegida por um contingente de guardas da Atlântida que lutaria a seu favor. Mas nada disso importava enquanto subia os degraus e passava pelas portas abertas e pelos rostos aterrorizados dos outros moradores do abrigo.

— Para dentro, todos vocês. Não saiam até eu dizer.

Ninguém recusou suas ordens silenciosas. Uma a uma, as mulheres assustadas e algumas crianças pequenas recuaram, fechando as portas.

Parando do lado de fora do quarto de Rosa, Sia pegou o som abafado de uma grave voz masculina atrás da porta. — Tem que estar aqui em algum lugar. Continue procurando! Santino disse que não há pontas soltas.

Suspeita picou a consciência de Sia. Isso não soava como um ex-amante violento voltando para prejudicar Rosa. Isso era outra coisa. E não menos perigosa.

Sia levantou o pé e chutou a porta com tanta força que ela explodiu nas dobradiças.

Ela antecipou um homem quando subiu as escadas, mas dentro do quarto estavam dois. Um estava agachado no armário de Rosa, jogando rapidamente seus pertences escassos. O conteúdo de sua pequena escrivaninha já estava no chão perto dele.

O outro intruso, um homem enorme vestido todo de preto, estava ao lado da cama de Rosa, de costas para Sia. Rosa pendia de seu aperto em volta do pescoço, os pés descalços pendurados a vários centímetros do colchão. Seu corpo pequeno estava mole, sem vida. Seus suaves olhos castanhos abertos, vazios e sem ver.

— Não! — rugiu Sia, embora percebesse que já era tarde demais para salvá-la. — Solte-a!

O pesar a alagou junto com sua raiva. Ela falhou com Rosa. Não podia falhar com Angelina também. Os gritos implacáveis do bebê perfuraram o quarto. Sia lançou um rápido olhar para o berço onde Angelina se contorcia e se debatia.

Pelo menos a criança estava ilesa. Seus gemidos eram torturados quando Sia os ouviu do lado de fora do quarto. Agora lhe davam força e uma determinação mortal e furiosa.

— Eu disse para colocá-la no chão.

O atacante de Rosa grunhiu, balançando a cabeça escura e desgrenhada para olhar para Sia.

Os olhos ambarinos ardentes brilhavam como brasas em seu crânio. Sua risada era desumana, sobrenatural, seus lábios caíram numa imitação profana de sorriso. E dentro daquele sorriso, dentes enormes brilhavam na escuridão da sala.

Raça.

Sia engoliu em seco quando ele girou para encará-la.

— Ok — rosnou ele. Seu grunhido áspero era a voz que ouviu do outro lado da porta. — Se é isso que quer, cadela, eu vou colocá-la no chão.

Soltando uma gargalhada grosseira, jogou Rosa no chão, depois a chutou como se ela não fosse nada. Seus olhos brilhantes eram selvagens e desfocados, seu corpo tremendo da cabeça aos pés. Algo sobre ele não estava certo. Um estranho odor emanava dele, algo doentio e doce que fez seu estômago revirar.

Ela não teve tempo para contemplar o que seus instintos tentavam lhe dizer.

Ele abaixou a cabeça e a atacou.

Sia sentiu uma grande onda de energia subir do poço de seu ser. Saiu através de suas mãos levantadas numa poderosa explosão de luz e força. A força disso colidiu com o corpo massivo do macho Raça, fazendo-o bater contra a parede oposta.

— Que porra é essa! — O humano que estava preocupado com os pertences pessoais de Rosa agora se mexia para se virar no armário

aberto, seus membros magros se recusando a cooperar. Plantado em seu traseiro em meio ao conteúdo das gavetas e da bolsa de Rosa, seus olhos turvos se arregalaram quando olhou de Sia para o gigante macho Raça que ela acabava de nocautear sem colocar sequer um dedo nele.

O poder ainda vibrava profundamente dentro de Sia, alimentado por sua fúria.

— Espere! — O homem levantou uma mão em sinal de rendição. — Nada disso é culpa minha! A cadela deveria saber melhor que fugir de Santino. Deveria saber que seria pega eventualmente.

Enquanto ele falava, Sia o viu se atrapalhar com a outra mão para pegar algo ao lado dele.

Não percebeu que era uma arma até que ele apontou para ela com os dedos trêmulos. Sem hesitar, ele apertou o gatilho repetidamente.



CAPÍTULO 2

Filho da puta.

Era para ser uma missão de reconhecimento, nada mais. Agora Trygg estava esfriando os calcanhares num beco em frente a uma antiga casa de três andares perto da estação de trem, enquanto os dois idiotas aparentemente estavam arrombando e invadindo e assim poder retomar sua vigilância sobre eles.

Ou melhor, ele *estava* esperando.

Até o momento que uma das janelas do segundo andar se iluminou com o que parecia ser uma explosão cósmica de pura energia branca. Seguida por tiros.

Muitos tiros.

— Foda-se.

Ele emergiu das sombras e se dirigiu para a casa.

A Ordem o instruiu especificamente para que não fizesse nada para alertar Roberto Santino ou seus homens de sua presença durante esta

missão de coleta de informações. Trygg vinha seguindo o músculo de Santino, um macho Raça chamado Franco, pela maior parte de uma semana agora. No processo, Trygg tinha dois dos três pontos fixados na fórmula de triangulação que mapeou, e faltavam apenas mais alguns pontos de dados de poder para pregar o covil de Santino num raio de 400 metros.

O que significava que a Ordem estava mais perto que já estiveram de localizar e derrubar um dos chefões mais perigosos da Europa.

Essa missão era obrigatória. Havia milhares de traficantes de narcóticos em todo o mundo, tanto humanos quanto Raça, e embora a Ordem nunca fosse capaz de deter a todos, Santino era diferente. O humano não fazia segredo de seu ódio pela Raça, e estava se entregando a esse sentimento ao lidar com o Dragão Vermelho, a pior coisa que atingia o tipo de Trygg desde seu antecessor, o Crimson, cerca de vinte anos atrás.

Secretamente fabricado e apenas eficaz na Raça, Dragão Vermelho era um problema que ninguém precisava. Não quando as relações com a população humana em geral já estavam tensas. Acrescente problemas persistentes e crescentes com grupos terroristas como a Opus Nostrum, e conflitos mais recentes com os Atlantes e sua imprevisível rainha, Selene, e a última coisa que a Ordem queria era uma epidemia de civis loucos por sangue criando um inferno – e incitando pânico – em todos os cantos do globo.

Numa palavra, esta situação com Santino era guerra. E danos colaterais eram esperados em qualquer guerra. Não era o que a Ordem queria, mas havia momentos em que não podia ser evitado. Trygg conhecia sua missão. Seu comandante, Lazaro Archer, explicitou as regras de engajamento para ele em termos inequívocos: qualquer coisa que pusesse em risco o objetivo principal era *proibido*.

Uma pena que seguir as regras não era o forte de Trygg.

Ele atravessou a rua, certo de que essa era uma péssima ideia. Os gritos de um bebê, os quais eram fracos mesmo com a audição sobrenaturalmente aguda, intensificaram-se dez vezes quando ele pulou

para uma pequena sacada de ferro forjado no segundo andar da casa. Sobre o choro da criança no quarto ao lado, os sons de luta continuaram. E, por mais preocupante que fosse a algazarra, o fedor podre de um macho Raça chapado com Dragão Vermelho fez o sangue de Trygg ferver de raiva.

O ponto de entrada em que se encontrava era equipado com um sistema de alarme incrivelmente sofisticado, mas não era páreo para sua habilidade Raça. Com um comando silencioso, desabilitou os sensores e cortou os registros de calor no vidro antes de liberar mentalmente a fechadura das portas da sacada.

Era o mesmo método que o matador Raça de Santino usou para entrar juntamente com seu companheiro humano poucos minutos atrás.

Que diabos havia aqui?

E de onde viera aquela explosão de luz branca?

Teria que resolver tudo isso depois. Agora, precisava neutralizar a situação dentro da casa antes que as coisas desandassem mais.

Um novo refrão de gritos subiu quando abriu as portas de vidro e deslizou para dentro do que percebeu agora ser outro quarto na casa. Um ocupado por três mulheres de idades variadas, todas vestidas com camisolas ou robes, amontoadas e gritando para ele aterrorizadas.

Ele fez uma careta para o amedrontado bando de mulheres, uma resposta que só as fez gritar mais alto. Merda. Sabia que era uma visão assustadora apenas com base em seu tamanho e largura. Com a cabeça raspada e a cicatriz pontiaguda que escavava profundamente a carne da bochecha esquerda, sob o olho até a mandíbula quadrada, sua aparência beirava o pesadelo.

Suas presas não ajudavam, ele tinha certeza. Os pontos cravaram em sua língua enquanto olhava com raiva para as mulheres trêmulas. — Fiquem quietas. Não estou aqui para machucar vocês.

Foi uma fraca tentativa de tranquilizá-las, mas estavam além do raciocínio, de qualquer maneira. E ele não tinha nem habilidade nem tempo para tentar.

Num grunhido, tocou a testa da mulher mais próxima a ele. — Durma — ordenou, colocando-a em transe instantâneo.

As outras duas caíram com a mesma rapidez.

De todas as armas à sua disposição, usar sua habilidade Raça para manipular a mente de alguém era a que ele menos empregava. Na verdade, odiava ter que usá-la. Como um ex-Hunter, criado em cativeiro e treinado para matar por um louco chamado Dragos, Trygg sabia o que era ser controlado, ser forçado a fazer algo pela vontade de outro.

Nos primeiros catorze anos de sua vida, ele foi escravizado pelo programa brutal, obrigado a obedecer através de um condicionamento implacável e um colar ultravioleta que o teria obliterado se recusasse qualquer comando.

Mas Dragos foi apenas o primeiro dos mestres de Trygg.

A última deles cortou seu rosto – pouco antes de matá-la.

Trygg sacudiu as memórias antigas quando um rugido animal sacudiu as paredes da sala ao lado. Franco era um indivíduo sádico em geral, mas se o macho Raça estava alto pelo Dragão Vermelho naquela noite, Trygg odiava pensar na violência que era capaz agora.

Morte e fumaça de arma se agarravam ao ar no corredor. Havia algo mais no ar também. Algo peculiar, como o cheiro de uma recente tempestade.

A porta do quarto vizinho foi arrancada das dobradiças. Dentro, a criança continuava chorando. Trygg saltou sobre a porta quebrada e entrou no meio de uma cena que nunca teria imaginado.

Três corpos imóveis estavam no chão. Uma mulher humana, caída como uma boneca quebrada ao lado da cama estreita. Outro humano, um macho esquelético com cabelos oleosos e o rosto pálido de um viciado em crack, esparramado numa lombada morta dentro do armário aberto, como se uma grande força de vendaval o levasse para lá.

E o terceiro – o maior choque de todos – o homem de Santino, Franco, deitado de bruços no chão, onde foi derrubado pela mulher que estava em cima dele, suas pernas longas montadas em seu corpo por

trás. A loira alta e esbelta segurava a imensa cabeça do macho Raça, dando ao seu pescoço uma torção final, assim que Trygg entrou na sala.

— Santa foda.

Ela girou em torno do som de sua voz baixa, seu lindo rosto uma máscara de fúria, olhos azul-celeste ferozes com o fogo que quase o desafiava a testá-la. Uma bala roçou seu ombro durante a luta, abrindo uma lágrima no material fino de sua camiseta cinza clara. Sangue vermelho brilhante manchava o tecido, fazendo suas presas pulsar em resposta pavloviana enquanto observava a ferida se curar lentamente.

Seu olhar atordoado viajou abaixo, para onde os centros de suas palmas seguravam um brilho sobrenatural. A energia pulsava ali, inclinada, mas inconfundivelmente forte. Supôs que explicava a explosão de relâmpagos que testemunhou do lado de fora.

A mente de Trygg cambaleou com a evidência de seu poder desencadeado. Mas igualmente surpreendente foi o fato de que ele conhecia essa mulher.

— Ah, Cristo — rosnou ele quando seu olhar irritado levantou novamente para o rosto dela. — Está de brincadeira comigo.

Tamisia, a Atlântida.

Sua expressão registrou reconhecimento também. E muito desdém arrogante. — O que está fazendo aqui?

Ele grunhiu. — Poderia te perguntar a mesma coisa.

— Eu trabalho no abrigo. Moro aqui.

Foi ali que ela acabou? Trabalhando num abrigo de mulheres, numa das áreas mais difíceis da cidade? Trygg não teria adivinhado isso para a imortal elegante e fria nem em um milhão de anos.

Ela parecia diferente de quando a viu pela última vez. Mais magra, sua pele dourada mais pálida que luminescente. Seus olhos, apesar de estarem cheios da raiva da batalha, pareciam ainda mais assombrados do que antes. A maior parte de seu cabelo platinado se soltou de uma longa trança nas costas. Caía em um emaranhado selvagem ao seu redor, a distinta e única mecha em ouro iridescente ao longo do lado esquerdo de seu rosto pendendo flácida e entorpecida.

Não que qualquer uma dessas mudanças diminuísse a beleza sobrenatural de Tamisia.

Trygg não se importou o suficiente para pedir detalhes sobre ela no momento que ela chegou a Roma, mas havia rumores de que ela traiu sua própria espécie, causando a morte de um membro do conselho atlante. Um mês e meio atrás, ele ajudou Lázaro Archer a trazer Tamisia para o centro de comando como uma espécie de gesto diplomático entre a Ordem e seu povo, mas isso foi todo o interesse de Trygg por ela.

Ou foi o que disse a si mesmo durante as duas semanas que a fêmea esteve na sede.

Ela foi uma distração para ele desde o primeiro momento que colocou os olhos nela. Um incômodo que estava ansioso para perder quando ela abruptamente deixou a guarda da Ordem há um mês para fazer seu próprio caminho na cidade. Trygg não perguntou onde ela foi. Não queria saber.

Ele certamente não queria estar diante da fêmea agora, no meio de uma missão de vigilância que foi para o inferno.

Graças principalmente a ela.

Ela parecia qualquer coisa, menos preocupada com o fato dele estar no quarto. Correndo para o berço, pegou o bebê chorando. Segurando-a como um vidro precioso e frágil, acalmou o pior do choro da criança com murmúrios suaves e movimentos gentis ao longo das costas trêmulas da criança.

Trygg passou a mão sobre a penugem por fazer na cabeça raspada, depois exalou uma maldição rouca ao avaliar o dano ao objetivo de sua noite. Franco estava tão morto quanto podia estar. Trygg deveria ter esquecido a vigilância hoje à noite e simplesmente apertado o macho Raça para obter informações. Agora Franco era inútil para qualquer um. A Ordem teria que começar tudo de novo com um novo alvo dentro da operação de Santino. Podia levar semanas, até meses.

— Tem alguma ideia do que acabou de fazer, mulher?

— Sim. — Quando ele olhou para Tamisia, seu queixo subiu um pouco. — Fiz justiça. Infelizmente, não rápido o suficiente para salvar Rosa.

Trygg seguiu seu olhar sóbrio para a fêmea estrangulada perto da cama. Rosa parecia ter acabado de sair da adolescência e não era uma ameaça para ninguém, muito menos para o par de babacas que invadiram a casa hoje à noite. Ele podia ouvir a dor na voz suave da atlante quando falou sobre a jovem mulher, mas Tamisia não derramou uma lágrima. Na verdade, endireitou os ombros, parecendo ainda mais determinada enquanto acariciava gentilmente as costas do bebê.

— Diga-me o que aconteceu.

— O macho humano estava procurando nos pertences dela quando chutei a porta. O outro, o sanguessuga, a segurava pela garganta. Ele arrancou a vida dela na frente de sua filha no momento que cheguei aqui. Então a jogou ali como se ela fosse um lixo.

Sua voz tremeu um pouco, não com medo ou choque, mas com aversão. Trygg só teve que olhar para o corpo grande e quebrado de Franco e o pescoço quebrado para entender que sua fúria esta noite devia ter sido fora de série. Os Raça e os atlantes foram inimigos por muito tempo, e este ataque brutal contra uma jovem mulher só parecia fortalecer a animosidade de Tamisia em relação à Trygg e todos da sua espécie.

Mas os sentimentos de Tamisia não eram sua preocupação. Estava mais interessado no que ela acabou de divulgar sobre o ataque. Ele olhou para o armário, as gavetas viradas e a bolsa esvaziada.

— O que estavam procurando?

— Não sei.

Trygg se aproximou e moveu algumas das roupas espalhadas e outros objetos pessoais com sua bota. Não viu nada de interessante. O que quer que Franco e seu companheiro estivessem procurando, aparentemente não foi encontrado.

E agora Trygg tinha outra ruga para suavizar sua missão já fodida. Não. Duas.

Sirenes soaram nas ruas do lado de fora, ficando mais altas a cada momento. Os lamentos característicos assinalaram a chegada pendente do Esquadrão de Iniciativa da Força-Tarefa Conjunta de Segurança Urbana, uma força policial composta de humanos e oficiais Raça.

— Você ligou para a JUSTIS?

Ela assentiu, ainda embalando o bebê. — Minha amiga que dirige o abrigo os chamou. Eu disse a ela quando percebemos que alguém invadiu a casa.

— Foda-se. — Ruim o suficiente, sua melhor chance de conseguir um bloqueio firme em Santino estava atualmente esparramado no chão com a cabeça quase torcida como uma tampa de garrafa. Lázaro Archer ficaria muito chateado ao ouvir essa notícia. Inferno, Trygg provavelmente teria que responder também à sede da D.C. e ao fundador da Ordem, Lucan Thorne. A única coisa que tornaria a noite ainda pior seria explicar à JUSTIS o que um membro da Ordem estava fazendo no meio de uma cena de múltiplos assassinatos.

Ele e seus colegas guerreiros já tinham a reputação de vigilantes sem misericórdia, com o hábito de impor a lei e a ordem sempre e como queriam. As relações com a humanidade nos últimos vinte anos, desde que a raça foi exposta, eram tensas o suficiente sem a situação aqui adicionando combustível ao fogo.

Além disso, havia rumores de que Roberto Santino tinha uma parcela justa da força policial da cidade em sua folha de pagamento.

Ele podia colocar em transe os oficiais humanos assim que aparecessem e limpar suas mentes de toda memória do que encontraram aqui, mas isso não funcionaria nos membros Raça do esquadrão. Nem poderia apagar o registro da chamada de emergência por ajuda que veio desta casa. As rodas já estavam em movimento aqui, e Trygg teria que lidar com as consequências da melhor maneira possível.

Ele olhou para Tamisia parada ali com uma ferida de bala e as palmas das mãos ainda pulsando como brasas enquanto segurava o bebê quieto em seus braços. Sua beleza régia e etérea chamava atenção em

circunstâncias normais. Depois do que fez hoje à noite, não havia nenhuma dúvida sobre algo tão mundano quanto humano.

O que significava que não era o único que teria muito que explicar quando a lei chegasse ao local.

— Os policiais estarão aqui em breve. Seria prudente evitá-los. Duvido que seja assim que você ou qualquer outro atlante gostaria de ir a público para os humanos pela primeira vez.

Seu rosto empalideceu. Ela olhou para a carnificina que deixou – carnificina que nenhum mero mortal era capaz – e verdadeira preocupação cintilou em seus brilhantes olhos azuis. — O que devo fazer?

— Para começar, troque as roupas arruinadas. Haverá muitas perguntas sobre o que aconteceu aqui. Além do fato de você ter derrubado dois intrusos sem nenhum traço de arma, seria difícil explicar o sangue e a falta de uma bala onde você obviamente foi baleada hoje à noite.

— Então, o que vamos dizer aos policiais quando chegarem aqui?

— Não nós, Tamisia. — Trygg mostrou suas presas num sorriso que sabia estar longe de ser amigável. — Você ficará fora do meu caminho e me deixará lidar com isso. Isso não é um pedido.

A linha reta de seus lábios disse que ela não gostou dele dizendo a ela o que fazer, mas ele deu a ela pontos por não discutir com ele. De fato, apesar de seu desgosto geral pelas mulheres e todos os problemas que se seguiam a elas, a lembrança de Tamisia em pé sobre o corpo de Franco como um anjo sobrenatural e vingador fez seu pênis endurecer atrás de seu zíper.

Não ia acontecer.

Ele moeu seus molares contra o desejo não desejado que se agitava dentro dele. — Vá. Tire o bebê daqui e mantenha as outras mulheres longe. Vou descer e esperar pela polícia.

Tamisia olhou para ele, a cabeça inclinada com crescente suspeita. — Diga-me o que realmente está acontecendo. Você conhecia aqueles homens, não conhecia?

— Vá, Tamisia. Tanto para você ou qualquer outra pessoa, este é um negócio da Ordem agora.

No começo, pensou que ela iria ignorá-lo. Mas quando as sirenes soaram na rua do lado de fora da casa e luzes piscando em vermelho e azul iluminaram a escuridão, parte de sua resistência diminuiu.

Finalmente, seus frios olhos azuis o soltaram. Colocando o bebê contra ela, saiu do quarto, sua coluna reta e teimosa como a de uma rainha.

Trygg fez um esforço concentrado para não observar a maneira como seus quadris e bunda curva balançavam a cada passo longo. Ignorar o chute de suas veias e o pulso em suas presas emergentes tanto quanto a rigidez de sua virilha era mais difícil do que ele queria admitir.

Quando os passos leves de Tamisia se afastaram, exalou a maldição que estava segurando e esfregou a palma da mão sobre o queixo cerrado.

Hora de trabalhar.



CAPÍTULO 3

Duas horas depois, Sia estava na porta da frente e observava os veículos policiais saírem silenciosamente da casa. As ambulâncias que levavam o corpo de Rosa e os de seus agressores partiram para o médico legista alguns minutos antes.

Os oficiais da JUSTIS ficaram no quarto de Rosa por um longo tempo, conversando com Trygg e processando a cena. Custou toda a paciência de Sia simplesmente esperar no andar de baixo com Phaedra e as moradoras do abrigo, enquanto os policiais faziam seu trabalho e levavam uma sacola de provas do quarto de Rosa.

Sia e Phaedra foram interrogadas apenas por um dos agentes humanos, ambas afirmando que pediram socorro assim que ouviram o tumulto no andar de cima e ficaram com muito medo de fazer qualquer outra coisa – exatamente como Trygg disse em particular. Instruiu-as momentos antes de sair para encontrar os carros-patrulha que chegavam.

Então Sia obedientemente manteve distância da polícia e da investigação. Não por obediência ao guerreiro Raça ou à Ordem que ele servia, mas por lealdade a Phaedra e ao resto de seu povo.

Trygg estava certo sobre uma coisa. Ela não queria ser aquela que revelou o segredo que manteve o reino Atlante escondido como puro mito por séculos e séculos. Ela já falhou com o conselho e seus amigos na colônia uma vez. Não estava prestes a fazer isso de novo.

Tão distante como era o sonho de que podia um dia reconquistar seu lugar entre seu povo, ela se agarrava a essa pequena esperança. Nunca arriscaria uma vergonha ainda mais profunda, dando aos humanos uma razão para suspeitar que ela fosse outra coisa senão humana.

Ou que havia outros como ela, tanto os que viviam em silêncio entre os homens e os Raças, como Phaedra estava fazendo, quanto as populações ocultas que viviam atrás do véu da colônia e no reino maior governado pela rainha Atlante, Selene.

A humanidade era rápida em alarmar e retardar a confiança. Depois de vinte anos de convivência exposta com a Raça, a guerra entre as duas espécies permanecia uma ameaça constante. Talvez nunca chegasse uma época em que os humanos estivessem prontos para aprender que compartilhavam seu pequeno planeta com outra facção imortal de outro mundo.

— Todo mundo está exausto e voltou para seus quartos durante a noite — disse Phaedra quando chegou ao lado dela. Seu rosto sem idade estava perturbado, sóbrio de pesar. — Movi o bebê para meus aposentos por enquanto. Pobre pequena Angelina. Pode imaginar ficar sem a mãe em tão tenra idade?

Sia piscou devagar e balançou a cabeça, arrependimento em seu peito. — Me desculpe, não pude salvar Rosa — sussurrou ela apenas para os ouvidos de sua amiga. — Cheguei lá tarde demais.

A mão de Phaedra pousou de leve nas costas dela. — Não é sua culpa, Tamisia. Por piedade, não foi quem a matou. Aqueles homens terríveis fizeram isso.

Sia assentiu com a cabeça, mas seus pensamentos eram sombrios, sua mente perturbada – não apenas pela morte de uma mulher inocente, mas pelo fato de que um dos guerreiros da Ordem vinha monitorando os atacantes de Rosa por algum motivo. Não podia imaginar nenhum outro motivo para Trygg estar perto o suficiente do abrigo quando os homens invadiram o local.

O que ele sabia sobre eles?

Ou foi outra pessoa que despertou o interesse do guerreiro?

Ela assistiu a imensa forma de Trygg se movendo através da escuridão e atravessando a rua. Sia manteve sua palavra de ficar fora do caminho enquanto a polícia estava lá, mas tinha perguntas que precisavam de respostas.

— Eu já volto — murmurou ela para Phaedra, já abrindo a porta e saindo atrás dele. — Trygg, eu preciso falar com você.

Ele olhou atrás, mas não a reconheceu. O luar brilhava no topo de sua cabeça enquanto continuava andando, seus ombros largos determinados e suas pernas longas e musculosas praticamente roendo o chão a cada passo firme.

Quando ficou claro que pretendia ignorá-la, Sia acelerou o ritmo, usando a velocidade Atlante para se colocar na frente dele antes que ele pudesse dar outro passo.

Ele parou abruptamente, menos de um centímetro entre os seios e o centro do esterno. Ela era alta, mas ele era enorme. Ela realmente não parou para reconhecer isso até agora. Nunca esteve tão perto do macho Raça ranzinza. Perto o suficiente para sentir o calor e o poder de seu corpo, e para inalar o aroma picante e escuro de sua pele.

Durante sua breve estada no centro de comando da Ordem, estava muito desanimada com o comportamento ameaçador de Trygg para permitir-se realmente olhá-lo por qualquer período de tempo. Agora não podia deixar de estudá-lo, percebendo sob a carranca, a severidade da cabeça raspada e cicatriz facial irregular, que era realmente bonito. Longos cílios negros franziam os olhos do mais escuro tom de safira que

já viu. Seu nariz era reto e régio, sua boca generosamente cortada, até sensual.

Ele a pegou encarando, e o sulco entre suas sobrancelhas escuras se aprofundou.

Ela desajeitadamente limpou a garganta. — O que você disse à polícia?

— A verdade, mais ou menos. Estava de patrulha, seguindo alguns traficantes de drogas para este endereço. Os vi invadir a casa. Quando ouvi uma mulher gritar, decidi resolver o problema com minhas próprias mãos. Não é a primeira vez que tive que explicar um par de bandidos mortos para a JUSTIS. Eles pareceram acreditar.

— Aqueles homens. É isso que eram – traficantes de drogas?

Ele olhou para ela. — Não precisa saber nada mais do que eu disse aos policiais, Sia. Faça-nos um favor e deixe assim.

— Eles estavam procurando por algo, Trygg.

— Você já mencionou.

— A polícia tem alguma ideia do que poderia ser?

— Não contei a eles essa parte.

Sia ficou boquiaberta. — Por que não? Rosa foi morta pelo que achavam que estava com ela. Se contar à polícia, isso vai ajudá-los a entender em que tipo de problema ela estava...

— A polícia não pode ajudar. — Trygg soltou uma maldição impaciente. — E o que esses homens queriam da mulher não importa agora.

— Importa para mim — insistiu.

Seus olhos escuros se estreitaram e ele deu uma forte sacudida de cabeça. — Essa conversa acabou. Eu te disse, o que aconteceu aqui é negócio da Ordem. Volte para dentro e descanse um pouco. Esqueça esta noite.

Ela zombou. — Esquecer?

Quando ele começou a se mover ao redor dela, Sia agarrou o braço dele. Músculo quente e duro apertou sob as pontas dos dedos, enviando um calor chocante através de seu corpo. Ela afastou a mão

imediatamente, tentando ignorar a angustiante consciência que sentia por um homem que a enfurecia cada vez mais, quanto mais o conhecia.

— Acha que vou esquecer o que eu vi hoje à noite? Uma jovem foi assassinada, Trygg. Uma mulher de quem eu gostava. Uma mulher que eu era responsável por manter segura. E agora um bebê inocente está sem sua mãe. Talvez seja algo que seu tipo de coração frio possa simplesmente ignorar, mas não espere que eu faça o mesmo.

— Sim, Tamisia. Isso é exatamente o que espero. — Ele franziu o cenho agora, seu rosto sinistro e cheio de cicatrizes, com crescente irritação e algo mais difícil de definir. — Na verdade, estou exigindo isso. Não quer se envolver nisso. Então guarde suas perguntas e leve sua bela bunda de volta para aquela casa e fique lá.

Seu queixo caiu. Ninguém nunca falou com ela assim em toda a sua existência imortal. Ela era uma anciã da Atlântida, uma das mais importantes membros do conselho da colônia. Ao mesmo tempo, era até mesmo uma confidente da própria rainha.

Era. Passado, tudo isso.

Agora era apenas uma estrangeira que caiu no meio de uma terra estranha e violenta.

E Trygg não tinha motivos para tratá-la como algo mais.

Ainda assim, seu comportamento rude e desajeitado a incomodava. Isso a irritava.

Mesmo quando não pôde deixar de notar seu comentário inesperado sobre sua bunda.

Ela se manteve firme, recusando-se a deixá-lo pensar que podia se acovardar. Concordar em cooperar com ele para a proteção de seu povo era uma coisa. Fechar os olhos para um assassinato a sangue-frio era outra completamente diferente.

— Quero as respostas sobre a morte de Rosa, mesmo que você não, guerreiro.

Mas Trygg queria respostas. Ela viu essa verdade nele mais cedo hoje à noite, e viu isto agora também. Não importa o quanto estivesse tentando convencê-la do contrário.

Ele rosnou uma maldição baixa e deu um passo para longe dela. Sia seguiu-o com seu olhar.

— Quem é Santino?

Trygg parou no meio do caminho. Quando sua cabeça girou em sua direção, sua expressão era tão escura quanto uma nuvem tempestuosa.

— Ouvi o macho Raça que matou Rosa dizer o nome Santino. Ele disse ao outro homem que continuasse procurando o que quer que fosse que procuravam. Disse que Santino não queria nenhuma ponta solta.

— Jesus Cristo. — Trygg voltou, agarrando seus braços em um forte aperto. — Está me dizendo isso agora?

— Já te disse antes, mas você não me deu chance antes de me empurrar pela porta do quarto de Rosa.

Ele xingou novamente, mais vividamente desta vez. Não a soltou, e apesar da raiva em seu rosto, a sensação de suas mãos sobre ela era a coisa que lhe dava o mais profundo desconforto. Não podia deixar de notar quão imenso ele era, o quão poderosamente masculino. Os machos atlantes também eram fortes e masculinos, mas havia uma robustez em relação a esse macho Raça que deixava o pulso de Sia mais acelerado do que ela queria admitir.

— Disse alguma coisa sobre isso para sua amiga Phaedra?

— Não.

— Bom. — Ele a soltou, mas seus olhos sombrios ficaram presos nos dela.

— Quem é ele, Trygg?

— Alguém que você não quer atravessar. — Ela não esperava que ele oferecesse mais nada, mas então ele exalou um suspiro resignado. — Roberto Santino é o maior chefe de narcóticos da Europa. Mais recentemente, está lidando com uma droga chamada Dragão Vermelho, uma substância que só é eficaz na minha espécie. Ela transforma até mesmo o Raça mais gentil num animal sanguinário.

Sia estava relutante em imaginar o que uma droga como essa podia fazer se penetrasse na Raça da maneira que algumas outras arruinaram vidas humanas. — Soa horrível.

— E é. É por isso que Santino precisa ser interrompido e rápido. A Ordem está atrás dele há semanas, mas ele é um bastardo cauteloso, malditamente indescritível. Toda vez que achamos que temos um alvo sobre o filho da puta, ele consegue nos esquivar. Sabemos que ele tem amigos na justiça, por isso temos vigiado secretamente, nossas operações o mais longe possível do radar.

Sia pensou na reação de Trygg quando soube que a polícia foi chamada para o abrigo. — Acha que algum dos oficiais da JUSTIS que vieram aqui esta noite estão ligados a ele?

Ele encolheu os ombros. — Possivelmente. Inferno, é muito provável.

— Sinto muito — murmurou Sia. — Sinto muito que Rosa esteja morta e eu não consegui salvá-la. Mas me desculpe se minhas ações esta noite ficaram no caminho de sua missão. Às vezes parece que tudo que eu toco, eu estrago.

A carranca de Trygg se aprofundou. — Você fez o que deveria fazer, Tamisia. Ninguém pode culpá-la por isso.

— Nem mesmo você?

Suas sobrancelhas se levantaram, mas ele não pegou a isca. — Vá para dentro agora. Não deveria estar aqui.

Se ele falava de estar fora em geral ou especificamente com ele, ela não sabia. Ele se afastou dela, colocando mais do que o comprimento de um braço entre eles. Sia disse a si mesma que o frio que sentia era apenas o ar da noite, não a natureza proibitiva do homem cujo olhar assombrado se recusava a deixar o dela.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, dissesse boa-noite ou que rosnasse que esperava que seus caminhos nunca se cruzassem novamente.

Mas Trygg não disse nada.

Indiferente e impossível de ler, ele simplesmente se virou e foi embora sem olhar para trás.

Sia observou-o até que a escuridão o engoliu.



CAPÍTULO 4

Assim que o sol se pôs na noite seguinte, Trygg chegou à calçada em outra patrulha solo. Estava nervoso demais para voltar à cidade, não só porque Lazaro Archer e Lucan Thorne lhe deram uma mordida na bunda depois do desastre no abrigo na noite passada, mas também porque Trygg detestava o conhecimento de que a cada hora que Santino estava autorizado a respirar era outra chance para o bastardo vender mais Dragão Vermelho e escravizar mais membros da população Raça.

Trygg estava de volta à estaca zero em sua busca pelo covil de Santino, e tinha muito terreno para cobrir rapidamente.

Então, por que diabos ele estava estacionado num dos SUVs pretos da Ordem na rua do abrigo das mulheres novamente, em vez de trabalhar com novas pistas?

Numa palavra, Tamisia.

Seu encontro com ela na noite passada continuou a incomodá-lo por uma série de razões que não desejava analisar. A principal – pelo

menos é o que ele se dizia – era o fato de que Franco e seu comparsa humano estavam convencidos de que a mulher morta, Rosa, possuía algo que queriam.

Portanto, algo que Santino queria.

Trygg não achava que mais alguém no abrigo corria perigo algum com o chefe, ou que poderia ser escolhido para substituir Franco na organização, mas isso não significava que queria deixar Tamisia e as outras mulheres desprotegidas. A atlante podia se cuidar, não tinha dúvida. Mas, por enquanto, Trygg fazia questão de manter uma vigia pessoal na casa e em seus moradores.

Além disso, era apenas um reconhecimento sonoro querer saber se Santino ou seus homens tinham alguma razão para voltar a farejar o lugar.

As probabilidades eram que o que quer que estivessem procurando, provavelmente foram coletadas pela JUSTIS em sua varredura no processamento do quarto de Rosa e trancadas num suporte de evidências em algum lugar da estação principal da cidade. Santino certamente percebeu isso também. E se o bastardo tivesse seus ganchos em qualquer um na estação, já tinha acesso aos itens ou estaria fazendo seus próprios planos para colocar as mãos neles logo.

Trygg precisava chegar primeiro. O que significava que era hora de acabar com essa pequena viagem e começar a testar suas últimas horas de pesquisa. Ele invadiu e baixou os esquemas de construção da estação. A menos que houvesse uma grande reforma nos últimos seis meses, a sala de provas ficava no subsolo, no canto noroeste do prédio. Tudo que ele precisava fazer era determinar o melhor plano de infiltração.

O caminho mais rápido seria entrar furtivamente por uma janela ou uma porta no telhado, mas isso significava ter que percorrer toda a estação por dentro para chegar às gaiolas de evidências abaixo do nível do solo. Passar pelos humanos com sua velocidade sobrenatural seria mole, mas não havia esperança de evitar ser visto por qualquer um dos oficiais da JUSTIS.

Por mais que não gostasse do risco de entrar pela porta da frente, poderia ser o único jeito. Esconder-se à vista podia ser seu melhor método de cobertura. A menos que pudesse criar algum tipo de desvio grande o suficiente para permitir que passasse despercebido.

Ele estava correndo várias opções em sua cabeça quando viu Tamisia saindo do abrigo. Ele franziu o cenho, todo o seu foco agora fixo na mulher que já estava demasiadamente em sua mente.

Ela saiu para a rua em frente a casa, onde um táxi parou até encontrá-la. Seu cabelo platinado estava enrolado numa torção na nuca. Uma blusa de seda cremosa grudava-se em seus seios, desabotoada apenas o suficiente para dar um vislumbre tentador do vale entre eles. Calça jeans desbotada abraçava suas pernas intermináveis e curvas longas e magras.

Em geral, o visual era casual, até mesmo sem graça, mas malditamente sexy em Sia.

O pau de Trygg mais que aprovava. A excitação agitou-se como um pingo de fogo, quase superando sua curiosidade crescente e sombria.

O que diabos ela estava fazendo?

Ela entrou no táxi e o carro decolou. Trygg seguiu a uma distância disfarçada, com as veias estalando de desconfiança.

Provavelmente não deveria ficar surpreso quando o carro dela virou na frente do mesmo lugar que ele pretendia ir hoje à noite.

Mas ainda assim ficou surpreso. Confuso também.

Mais precisamente, ele estava chateado.

Quando ela saiu do táxi em frente ao prédio da JUSTIS, Trygg desligou o motor do SUV e saiu. Ele estava na cara dela antes de dar o primeiro passo em direção à entrada da estação.

Seus olhos azul-claros se arregalaram. — Trygg.

— Sim. Eu. — Seus próprios olhos se fundiram com sua raiva. — Perdeu algo, Sia? Porque acho que deixei claro que não queria ver você em nenhum lugar perto dessa operação.

Pelo menos ela teve o bom senso de parecer nervosa enquanto ele a bebia lentamente, dando-lhe uma avaliação sem igual da cabeça aos

pés. Ele não conseguia decidir se ela estava vestida para um encontro ou um depoimento de horas extras com a aplicação da lei. Nenhuma das ideias se encaixou bem com ele.

E com certeza não queria reconhecer o golpe de possessividade que fez seu sangue acelerar. Ela estava despertando essa inesperada necessidade nele desde a noite anterior. Mais tempo, se ele tivesse coragem de admitir isso.

Esta bela fêmea atlante o colocou em ponto desde o momento que ela chegou a Roma.

— Venha comigo.

Ele não deu a ela a chance de recusar. Segurando-a pelo braço, ele a conduziu ao SUV e ao banco do passageiro. Ele entrou do outro lado e bateu a porta.

— Fale, Sia. Agora mesmo. O que está fazendo aqui?

Ele estava furioso, mas ela estava longe de vacilar. Ela manteve seu olhar acusador. — Vim aqui para obter algumas respostas. Tenho a sensação de que posso encontrá-las em alguns dos objetos pessoais de Rosa, mas foram coletados pelos policiais ontem à noite. Não posso descansar até ter certeza.

Sua ousadia era um lembrete marcante de que estava lidando com um ser sobrenatural cuja fúria poderia facilmente se igualar à sua. O fato de Sia ser tão adorável de se ver como seu poder era formidável só fez sua excitação aumentar ainda mais.

— O que pretendia fazer, passear dentro da sala de provas da JUSTIS e pegá-los? — Isso essencialmente resumia seu próprio plano, mas certamente não lidaria com isso agora. — Concordou em ficar fora do meu caminho, Sia. Pensei que você tivesse entendido a seriedade desta situação com Santino.

— Sim, eu entendo.

Ela inclinou-se como se esperasse uma batalha real com ele – como se aceitasse. E maldito se isso não fez suas presas pulsarem em suas gengivas com uma fome que era mais intensa do que sangue ou sustento.

— Mas você precisa entender uma coisa também, Trygg. Não respondo a você. Não respondo à Ordem também. Você tem uma missão a cumprir. Eu respeito isso. Depois do que me contou sobre esse criminoso, Santino, realmente espero que você tenha sucesso. Mas isso não significa que você ou qualquer outra pessoa vai ditar o que posso ou não fazer. E se eu decidir me curvar aos seus comandos, não pense que eu o faço simplesmente porque você quer.

Trygg cedeu com um aceno de cabeça. Não sabia se toda essa raiva e desafio estavam direcionados a ele ou a algum outro macho que a manipulou para fazer o que ele pedia. Lembrou-se de algumas conversas sobre o banimento dela da colônia. Sussurros de que colocou sua fé em alguém que tinha sua própria agenda traiçoeira. Sia foi considerada cúmplice, mas foi seu afeto pelo macho que a cegou para o fato de que estava sendo usada.

Trygg tinha alguma experiência em ser usado também. Ele tinha as cicatrizes para provar isso.

— Aqueles homens mataram Rosa, Trygg. Quero saber por que. — Sia estendeu a mão, colocando a mão na dele por um breve momento, seu olhar implorando. — Acho que você me deve muito. Especialmente quando nem você nem ninguém da Ordem pode garantir que o abrigo esteja seguro, desde que Santino e seus homens ainda procuram o que acham que estava com Rosa. Então, não me peça para aguardar e deixar a Ordem lidar com um problema que é tão meu quanto seu.

Porra. Ela tinha razão. Não que estivesse ansioso para entrar, mas não achava que discutir os levaria a algum lugar no momento.

E não tinha tempo a perder brigando com ela.

Se a mulher morta tivesse algo de valor para Santino – algo que valesse a pena matar – a Ordem precisava interceptá-lo. Ainda que isso significasse que Sia viria junto hoje à noite.

Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Peguei os esquemas de construção dos servidores da JUSTIS esta manhã. Tenho todo o lugar na memória, incluindo o layout das celas de evidências.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Então, também pretendia vir atrás das coisas de Rosa hoje à noite? Qual era seu brilhante plano para recuperá-las? Mal posso esperar para ouvir.

Seu tom altivo deveria incomodar, mas em vez disso só o fez querer atraí-la. — Sou um homem de ação. Prefiro ser flexível quando se trata de planos de ataque.

— Ah. Entendo. Significa que também não tinha um plano em mente.

Ele deu de ombros e ela soltou uma risada, a primeira vez que ele a ouviu. Com a cabeça presunçosamente inclinada e os belos lábios rosados abertos num sorriso, ela era uma tentação. Trygg teve um desejo quase irresistível de tocá-la. Beijá-la. A queda suave de seu cabelo platinado ao redor de seu rosto quase o fez sentir entre seus dedos. Ou envolto em sua pele nua.

Cristo.

Inferno, sim, tinha um plano em mente. Olhando para Sia, tinha mais planos em mente do que tinha direito – a maioria deles centrado nela estar nua e espalhada debaixo dele. Não conseguia se lembrar da última vez que esteve em lugares tão apertados com uma mulher, principalmente porque fez questão de evitá-los, exceto em ocasiões em que precisava de uma veia aberta para se alimentar ou uma foda rápida e anônima para sair do limite.

Sentar com Sia no veículo apertado estava causando estragos sangrentos em seus sentidos, para não falar de sua concentração. A melhor coisa que podia fazer por ambos era colocar as mãos em qualquer coisa que Santino queria da mulher morta, depois seguir o negócio de caçar seu alvo. Qualquer coisa para colocar muito espaço entre Sia e ele.

E quanto antes, melhor.

Ele tirou uma touca preta do bolso da jaqueta e colocou na cabeça, puxando a touca de malha sobre a testa. — Vou entrar. E você não vai a lugar nenhum perto daquele prédio. Entendido?

Ela começou a se recusar, mas seu olhar sombrio pareceu realmente lhe dar uma pausa. — O que fará, Trygg?

— Meu maldito trabalho.

Ela o viu puxar a gola do casaco de couro para cobrir os dermaglifos Raça que lhe subiam pelo pescoço. Quando ele verificou o par de punhais embainhados que usava amarrados ao redor de seu torso sob o casaco, Sia engoliu em seco.

— Acha que precisará disso?

— Não se eu puder evitar.

— Trygg, deve haver perto de cem oficiais lá dentro – muitos deles Raça. Se for pego, não poderá derrubar todos.

Seu sorriso parecia mais um desdém. — Não tenha tanta certeza. Não tem ideia do que sou capaz. E acredite em mim, Sia, você não gostaria de saber.

Ela se calou com aquela admissão sombria, muitas perguntas rodando em seu olhar desconfortável. — É uma noite movimentada na estação. Há pessoas indo e vindo o tempo todo que estivemos aqui. Então, como espera entrar?

— Pela porta da frente. — Ele grunhiu, fechando a jaqueta. — Seria muito mais fácil se eu não tivesse esse rosto. Tende a ser notado. E não é facilmente esquecido.

Sia não riu da piada dele. Ele desejou não ter dito isso agora, sentindo-a estudando-o, sabendo que deveria parecer bestial a uma beleza como ela. Normalmente, encontraria consolo em sua aparência monstruosa. Apanhado pelo olhar inabalável de Sia, ele se sentiu exposto. Cortado novamente.

Antes que percebesse o que estava fazendo, ela levantou a mão e passou as pontas dos dedos sobre a bochecha marcada. — Prometa-me que terá cuidado, Trygg.

Ninguém nunca pediu isso a ele. Ninguém nunca se importou. Não a menos que quisessem algo em troca.

Mas os olhos de Sia estavam carinhosos, sua voz sincera. E tão inesperado quanto o toque dela contra sua bochecha marcada, ele mal segurou seu gemido de prazer no instante antes dela tirar a mão.

As emoções se agitaram, misturando-se com o desejo que se tornava cada vez mais difícil de conter. Ele cerrou os punhos, apenas para não segurá-la e arrastá-la para os braços.

Não sabia exatamente como processar qualquer coisa que Sia o fizesse sentir, além de desligá-la com força.

— Tenho um trabalho a fazer. — Abrindo a porta do lado do motorista, lançou um olhar frio para ela. — Faça um favor a nós dois, Sia. Não esteja aqui quando eu voltar.



CAPÍTULO 5

Sia sentou-se no veículo escuro por apenas um momento. Assistiu Trygg passear casualmente em direção à entrada da estação, sua irritação crescendo a cada segundo que passava.

O que acabou de acontecer?

Ela sentiu o chiar de consciência que se acendeu entre eles quando o tocou, e ela sabia que ele também.

No entanto, Trygg, um gigante cuja voz letal e grave, áspera e grossa, fazia com que até os guerreiros do centro de comando de Roma ficassem um pouco mais retos quando estava por perto, praticamente se esforçou para se afastar dela.

Logo depois de ordenar que ela fosse embora antes dele voltar.

Sabia que se saísse, ela nunca mais o veria. Ele se certificaria disso agora.

Porque, de alguma forma, apesar do fato de que não conseguiam evitar medir forças ou lutar pela vantagem, ela e Trygg se conectaram. E isso o assustou.

Isso a assustou também, especialmente quando ainda estava lambendo as feridas da última vez que se permitiu chegar perto de um homem.

Mas Sia não era do tipo que corria.

Preferia encarar seus problemas de frente.

E o maior problema que tinha agora era o macho teimoso e arrogante Raça que parecia pensar que precisava enfrentar o mundo e todos os seus problemas sozinho.

Sia encarou a parte de trás de sua cabeça coberta quando caiu atrás de um grupo de motociclistas que entrava na estação. Mesmo com os ombros curvados e as mãos enfiadas nos bolsos, ele se destacava como uma árvore entre arbustos.

Não que não pudesse lidar com o que aconteceria quando entrasse. Ela confiava que suas habilidades eram tão furtivas e letais quanto sua reputação proclamava ser. Mas isso não significava que não estivesse ansiosa.

Ele saiu apenas alguns segundos e a espera já a estava matando.

— Droga.

Ela balançou a cabeça em outra maldição exalada, em seguida, saiu do veículo. Seu plano de como podia ajudá-lo tomou forma em sua mente enquanto andava os primeiros passos sobre o asfalto escuro. Erguendo os braços, bagunçou vigorosamente os cabelos, depois soltou a manga do ombro. Por precaução, também rasgou um lado da blusa, expondo seu sutiã de renda e uma boa quantidade de pele.

Enquanto se aproximava da estação em seu estado desgrenhado, conseguiu trazer lágrimas a seus olhos e forçar uma respiração rápida e em pânico.

— *Aiutami! Aiutami!*¹ Por favor!

¹ Ajuda-me – em italiano.

Cada cabeça virou quando ela entrou correndo, gritando por ajuda em italiano fluente.

Cada cabeça, incluindo a escura que se erguia sobre a maioria das outras no movimentado saguão.

Ela não ousou olhar para Trygg enquanto continuava atuando do lado de fora da estação, mas sentiu seus olhos duros fixos nela no segundo antes de desabar dramaticamente no chão. Não menos que uma dúzia de oficiais – Raça e humanos – correram para ajudá-la.

Ela manteve seu truque, usando todo o fascínio da Atlântida à sua disposição. Só para estar segura, também fez questão de mostrar pele suficiente apenas para manter a atenção de seu público masculino fascinado enquanto vários policiais saíam correndo para procurar por seu agressor e ainda mais para oferecer água e conforto enquanto ela fingia entrar e sair da consciência.

Não sabia quanto tempo precisava continuar com o ato. Perdeu de vista o Trygg quase imediatamente, e só podia esperar que ele tivesse tempo suficiente para localizar a sala de evidências e recuperar os pertences de Rosa enquanto alguns oficiais bondosos da JUSTIS a ajudavam a chegar ao banheiro feminino para que pudesse se recompor o suficiente para registrar um relatório da *agressão*.

Sia esperou no banheiro por vários longos minutos antes de espiar pela porta e encontrar o corredor silencioso e vazio. Escondendo-se, correu para a porta lateral mais próxima e fugiu para o beco adjacente.

Trygg esperava por ela, sua carranca firmemente no lugar e seus volumosos braços cruzados sobre o peito. — Bom trabalho. Muito convincente.

— Obrigada. — Ela levantou o ombro exposto e ofereceu-lhe um sorriso satisfeito. — Quase pareceu muito fácil. Talvez ser atlante neste mundo tenha suas vantagens.

Ele grunhiu. — Nunca faça algo assim novamente.

Ele se afastou dela, suas botas batendo no chão, seu ritmo agitado. Sia marchou atrás dele. — Por que está chateado?

Ele girou sobre ela, as mãos dele apertando seus bíceps num aperto tão feroz que ele tremeu com isso. — Eu lhe disse para não entrar. — Ele soltou as palavras, seus olhos crepitando com faíscas que lhe disseram quão ardente era a raiva dele. — Te disse para sair porque não quero ser responsável por você, Sia.

— Você não é responsável — retrucou. — Estou cuidando de mim mesma por mais tempo do que você está vivo. Caso tenha esquecido, guerreiro, eu sou imortal. Se alguém quisesse me matar, eles teriam que ser determinados o suficiente para arrancar minha cabeça.

— Isso não significa que você não possa se machucar — atirou ele com raiva. — Tem alguma ideia do que pensei quando ouvi sua voz atrás de mim? Pensei que algo realmente tivesse acontecido com você. Pensei que Santino ou um de seus homens... — ele interrompeu uma dura maldição. — Esqueça. Não importa o que pensei. Foi apenas um ato e você fez bem.

Ela piscou, totalmente atordoada. — Estava com medo por mim, Trygg?

— Medo? — zombou ele, as manchas em seus olhos brilhando agora. — Estou bravo pra caralho, mulher.

O aperto dele aumentou em seus braços, quase ao ponto da dor. Quando o lábio dele se curvou, tudo que ela pôde ver foram os pontos afiados de suas presas alongadas. Mas tão enfurecido como certamente estava com ela, os olhos dele continuaram correndo para sua boca. Ela viu as narinas se alargarem, o rosto severo tão aterrorizante como nunca viu.

E ainda assim estava certa de que o pior que aquele macho mortal Raça queria fazer com ela agora era beijá-la.

Faça, pensou ela, mas o desafiou quando levantou o queixo e encarou seus ardentes e selvagens olhos. Seu coração acelerou com a ideia, seu pulso tamborilando da adrenalina restante e a onda ainda mais forte de excitação que espiralou através dela enquanto segurava o olhar ardente de Trygg.

Após um longo momento, ele fez um som frustrado no fundo da garganta, depois o aperto diminuiu. O ar entre eles ainda pulsava com desejo não resolvido, mas o rosto de Trygg era uma máscara de indiferença agora. — Terminamos aqui, Sia. Vou te deixar no abrigo no caminho de volta para o centro de comando.

Seu tom era plano, todo profissional. Ele retornou ao modo de guerreiro quando caminharam até o utilitário em espera, e ela provavelmente deveria estar agradecida por isso. Ela não havia bagunçado sua vida o suficiente sem se envolver com uma fera crua como Trygg?

Exceto que ele não era bruto, nem animal.

E ela estava envolvida.

Gostasse ou não, estavam ligados por um objetivo comum – desvendar os segredos de Rosa.

— E quanto à evidência? — perguntou ela uma vez que estavam sentados no veículo.

— O que tem?

— Conseguiu as coisas da Rosa?

Seu aceno foi curto quando ligou o motor e rolou no rio do tráfego noturno. — Eu as peguei.

— Deixe-me ver! — Ela mal podia conter sua excitação. Ele enfiou a mão dentro da jaqueta de couro e retirou um grande envelope marrom. Ela pegou de suas mãos e quebrou o selo. — Já olhou dentro?

— Ainda não. Depois que peguei, estava muito ocupado me perguntando se teria que salvar a bunda imprudente de certa Atlante.

Sia sorriu. — Boa bunda, você quer dizer.

Ele quase engasgou, girando uma careta confusa para ela. — O que?

— Não foi isso que disse ontem à noite fora do abrigo? Acredito que disse que eu tinha uma boa bunda.

Ele fez uma careta, mas as palavras pareciam falhar. Sia deu de ombros, fingindo não ter muita satisfação em sua reação confusa. Ela abriu o envelope e enfiou a mão dentro.

— Não há muito aqui. — Ela cuidadosamente derramou o conteúdo em seu colo. A carteira de Rosa, que continha apenas alguns euros e sua identidade. Seu telefone. Um medalhão de ouro numa corrente delicada e quebrada. — Nunca vi Rosa sem esse colar. Deve ter caído quando aquele monstro sanguessuga a estrangulou.

Trygg olhou para ela quando se aproximaram de um semáforo vermelho. — E o telefone? Ligue-o. Vamos ver com quem falou recentemente.

Sia tentou, depois sacudiu a cabeça. — Está pedindo uma senha.

Ele não tocou no dispositivo, mas uma pequena vibração tocou os dedos dela. — Tente agora.

— Se exibindo, vampiro?

Ele sorriu. — Saberá quando eu estiver.

O telefone acendeu em suas mãos, revelando a tela inicial e uma foto de Rosa segurando Angelina num dia ensolarado. O bebê estava envolto num cobertor rosa, e a expressão de Rosa era de pura felicidade, capturada no meio de uma risada alegre. Sia passou o dedo pela mãe e pela filha, o coração apertando de tristeza.

— O que quer que eu procure? — murmurou ela.

— Telefonemas, mensagens. Qualquer pessoa com quem ela tenha se comunicado regularmente, mas também quaisquer anomalias. Até mesmo um número de telefone ou simples mensagem poderia ser a pista que nos aproximaria de sua conexão com Santino.

Enquanto Sia repassava semanas e meses de ligações de entrada e saída no histórico do telefone, pensou na foto de Rosa e seu bebê. — Não acha que ela estava envolvida com ele, não é? Santino e Rosa. Poderiam ter sido amantes?

Trygg riu quando virou o SUV para a rua onde o abrigo estava localizado. — Altamente duvidoso.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque Roberto Santino prefere homens em sua cama. Quanto mais jovem melhor. Até paga pelos garotos quando lhe convém, de acordo com nossas informações sobre a porra do doente.

Uma brutal aresta penetrou na voz áspera de Trygg enquanto transmitia a última informação. Ele não fazia segredo de que desprezava o criminoso por sua proliferação de Dragão Vermelho e outras drogas, mas essa acusação contra Santino parecia ressoar em algum lugar mais profundo em Trygg.

Sia queria perguntar sobre isso. Queria saber por que ele estava preocupado.

Mas Trygg vivia atrás de paredes íngremes. Estava vendo isso pela primeira vez hoje à noite. Onde antes, depois de ter chegado da colônia, o dispensou como um brutamontes ameaçador. Com sua aparência ameaçadora e atitude ranzinza, ela ficou muito feliz em evitar seus olhares sombrios e silêncio exagerado.

Agora isso só a fazia querer saber mais.

Como uma anciã da Atlântida, alguém que passou toda sua longa vida em segurança encapsulada atrás do véu que protegia sua espécie da violência e derramamento de sangue, a ideia de que pudesse estar intrigada por um Raça – e um guerreiro, além disso – seria risível. Que realmente pudesse estar atraída por um deles? Bem, isso seria além de horrível.

No entanto, sentiu desejo e mais alguma coisa por Trygg.

Ela o estudou quando ele parou em frente ao abrigo.

Assim que estacionaram, ele girou na direção dela. Ele estendeu a mão, a grande palma larga aberta. — Vou pegar o telefone agora, Sia. E o resto dessas coisas.

— Não. — A recusa passou por seus lábios antes que pudesse pará-la. Ela balançou a cabeça. — Não. Não vou desistir. Essa evidência me pertence tanto quanto a você ou a Ordem.

— No inferno que pertence.

— Eu te ajudei a conseguir hoje à noite, e sabe disso. Pelo menos seja homem o suficiente para admitir que...

Ele mostrou suas presas para ela. — Oh, sou homem suficiente, Sia. Homem suficiente para qualquer coisa que você tenha em mente.

— Você não me assusta, Trygg. E gostemos ou não, estamos juntos nisso.

Sua expressão escureceu. — Droga, não gosto disso.

— Bom. Então pelo menos concordamos em algo.

Ela deslizou o telefone e o resto do conteúdo no envelope. Então saiu do veículo, fechando a porta na maldição vívida de Trygg atrás dela.



CAPÍTULO 6

Embora, certamente preferisse estar cercado por seu equipamento de tecnologia no centro de comando, Trygg não conseguiu encontrar muitas objeções enquanto seguia Sia por uma escada externa até uma entrada privativa no terceiro andar da casa. Por mais irritado que estivesse após seu jogo de poder no carro – sem mencionar seu desafio anterior que o sacudiu mais do que gostaria de admitir, mesmo para si mesmo – era difícil pensar em outra coisa além do balanço rítmico de seus quadris enquanto ela subia os velhos degraus de ferro.

Muito difícil.

Sua longa e elegante coluna e parte traseira firme eram uma tentação que alimentava um calor crescente dentro dele enquanto subia a escada atrás dela. Todo macho nele queimava de desejo. Todo Raça nele ansiava por ela também. Se ela desse um olhar por cima do ombro, seria quase impossível esconder o âmbar iluminando suas íris ou a pressão de suas presas afiadas enquanto enchiam sua boca.

Deixá-la ganhar agora era um erro que já se arrependeu, mas é aí que o controle dela acabaria. Entraria por que ela insistiu e olhariam rapidamente o resto dos itens que trouxeram. Ele apontaria uma coisa ou outra para que ela tivesse um osso para mastigar, então levaria tudo para o centro de comando e sozinho cavaria a escassa evidência.

Da maneira como preferia operar.

Ele fez uma careta para ela quando chegaram ao topo da escada. — É assim que se esgueira com todos os homens que leva para casa com você?

— Só os mal-humorados. — Sua sobrancelha loira arqueou sobre os grandes olhos. — E para responder a pergunta que realmente quer fazer, nunca trouxe ninguém aqui.

Ele não queria perguntar isso, então por que a resposta dela lhe deu uma pontada de satisfação tão saudável?

— Entre. — Ela abriu a porta de um pequeno apartamento no sótão de um quarto. Trygg entrou, sentindo-se como um gigante numa casa de bonecas. A decoração era antiga e modesta, o tapete cobrindo os rústicos assoalhos de madeira desgastados. Uma cadeira estofada e uma cômoda espelhada ficavam de um lado do quarto. Do outro lado, havia uma cama estreita.

Sia se aproximou e sentou na beirada, jogando o envelope de provas na colcha. Quando Trygg não se moveu, ela olhou para ele esperançosa. — Vai ficar aí o tempo todo? Sente-se, Trygg. — Sua boca se torceu com diversão. — Não vou morder você.

Cristo.

Apenas o pensamento fez seu pênis doer contra seu zíper. Estava calor no quarto? De repente, estava muito quente, o espaço confinado parecia tão apertado quanto uma cela. Ele tirou a touca da cabeça e a jaqueta de couro, colocando os dois na cadeira almofadada enquanto se aproximava da cama e sentava-se ao lado de Sia.

Ela já estava novamente ocupada no telefone, repassando o histórico de chamadas e mensagens. — Apenas algumas das mensagens são recentes. É como se cortasse a maioria de seus outros laços há um

ano. Oh. O que é isso? Sem nome associado à mensagem, apenas um número confidencial.

Trygg olhou para a tela. — O número de telefone de onde veio tem um bloqueio. As pessoas os usam quando não querem ser identificadas.

Sia olhou para ele incisivamente. — Esta é a única pessoa com quem Rosa se comunicou regularmente nos últimos três meses. E olhe — a maioria dessas mensagens chegou cinco dias atrás. Trygg, Rosa apareceu no abrigo dois dias depois.

Ele se inclinou para mais perto. — Deixe-me ver essas mensagens.

Ela deu a ele o telefone e ele rolou pelo fio da conversa. — É um macho. Ela tem o cuidado de não usar o nome dele, mas está falando com ele sobre o bebê. Parece que ele poderia se casar com outra pessoa.

Sia zombou. — Que príncipe.

— Muitas dessas mensagens são conversas fiadas. — O maxilar de Trygg ficou tenso enquanto passava alguns comentários mais explícitos. Já estava tendo bastante dificuldade em manter o foco na tarefa em mãos com Sia sentada perto o suficiente para que pudesse sentir o calor de seu corpo, seu cheiro doce enchendo a cabeça dele com todos os tipos de ideias perigosas. Ele limpou a garganta e continuou rolando. — Alguns meses atrás, Rosa agradeceu a ele por um presente que deu para sua filha, diz que é a coisa favorita da criança. Que não pode dormir sem isso. Há uma lacuna nas datas entre essa mensagem e a próxima. Ele está dizendo que há um problema e precisa ficar distante por um tempo.

— Eu aposto — interpôs Sia. — Um problema com a esposa?

Trygg sorriu e percorreu mais algumas mensagens. — Ele não explica. A próxima vez que entra em contato com ela é cinco dias atrás. Diz que está deixando Roma no dia seguinte. Ela está chateada, não entende o que está acontecendo. Ele não diz, apenas pede que leve a criança e vá para outro lugar também.

— Ela não aceitou o conselho dele — murmurou Sia severamente. — Rosa ficou, e agora está morta.

Trygg assentiu. — O que parece sugerir que ela não tinha ideia sobre o problema que este homem estava. Ou que ele de alguma forma a colocou nisso também.

— A pobre garota. Ela merecia algo melhor que isso. Melhor que ele.

— E as fotos? — perguntou Trygg.

Sia deu de ombros. — A único que vi foi na tela inicial.

Trygg fez uma verificação rápida das galerias. — Tudo foi eliminado. Ou não?

Com alguns toques e truques e substituições de hardware, conseguiu abrir o cache de fotos excluídas. Assim como suspeitava, a maioria das imagens era de Rosa, algumas com o bebê, algumas íntimas, destinadas apenas aos olhos do amante. Ele ignorou essas poucas por respeito e porque procurava algo específico.

E lá estava.

Uma selfie que tirou num parque cheio de sol. Rosa estava grávida e sentado ao seu lado estava um homem. Ele parecia um pouco velho para ela, com cabelos grisalhos nas têmporas e rugas sob os olhos.

Trygg olhou para o homem humano, aproximando-se do rosto dele. — Puta merda.

Sia se aproximou. — O que foi?

— Eu já o vi. — Ele pegou seu próprio telefone e abriu um navegador de busca. A notícia que procurava encheu sua tela. Mostrou a Sia.

Ela olhou para a história e as fotos que a acompanhavam, depois leu a manchete italiana em voz alta. — O corpo de Gianni Tiaggi, investigador especial da Guarda de Finanças², recuperado do Tevere perto do Vaticano no domingo de manhã. — Ela olhou para Trygg, seu adorável rosto desenhado em choque. — Santino o matou?

— Considerando que a Guarda de Finanças é a agência encarregada de investigar o narcotráfico internacional, não há dúvida que

2 É uma polícia especial da Itália subordinada diretamente ao ministro de Economia e das Finanças.

Santino cuidou dele. Agora precisamos descobrir o que Tiaggi fez para atravessá-lo, ou o que ele poderia ter sobre o bastardo que era prejudicial o suficiente para que Santino o matasse. Talvez essa coisa tenha acabado na posse de Rosa. Se isso aconteceu, ela provavelmente nem percebeu que o tinha.

— Que tipo de homem colocaria em risco a mãe de seu próprio filho assim?

— Um desesperado. — Trygg pegou o medalhão de ouro. — Você não disse que Rosa sempre usava isso?

— Nunca a vi sem.

Ele tentou abrir a delicada peça de joalheria, mas era difícil. Suas mãos eram grandes demais, seus dedos mais acostumados a armas e tecnologia do que coisas frágeis e femininas.

Sia estendeu a mão, seu toque suave roçando os nós dos dedos. — Aqui, deixe-me fazer isso.

Sentar ao lado dela, tão perto no colchão estreito, era seu próprio tipo de inferno. Agora que ela se apertou mais perto dele enquanto trabalhava no medalhão, tudo que podia fazer era resistir a esticar os dedos através da cascata solta de seu cabelo platinado. Ela cheirava a ar cítrico e fresco do mar, e o calor de seu corpo irradiava contra ele como o calor do sol. Sua boca salivou enquanto a respirava, suas presas latejavam enquanto deslizavam de suas gengivas atrás de sua boca fechada.

— Consegui — desabafou ela, olhando para cima com um sorriso enquanto estendia a pequena moldura aberta para ele.

A imagem era um close-up do rosto adormecido do bebê, seu minúsculo punho descansando contra sua bochecha e enrolado ao redor da borda de um cobertor rosa.

— Ela é uma criança tão doce — murmurou Sia, olhando para a foto. — Parte meu coração pensar por quanto passou em sua curta vida.

Ouvindo a tristeza na voz dela, Trygg se perguntou se Tamisia já desejou seus próprios filhos. Antes que pudesse parar, uma chocante fantasia mental ganhou vida em sua cabeça. Ele e Sia fazendo amor. Ele

plantando sua semente dentro dela enquanto afundava suas presas na garganta cremosa.

Porra.

A excitação subiu por ele, instantânea e incontrolável. A ereção contra a qual lutou a noite toda se enfureceu, fazendo com que se movesse com desconforto na cama. Ele limpou a garganta, mas nada podia mascarar a borda áspera de sua voz.

— Tire a foto, Sia. Talvez haja algo por trás disso.

Ela assentiu e foi para o trabalho, delicadamente arrancando com a unha. Ela balançou a cabeça. — Nada. Apenas uma foto num medalhão. Droga!

— Nós vamos encontrar — assegurou, mas teve que admitir sua própria decepção. — Vou levar essas coisas para o centro de comando e a Ordem cuidará do resto, Sia. Então pode deixar toda essa fealdade e seguir em frente com sua vida.

Nada podia tê-lo preparado para sua expressão sombria e assombrada, ou o que isso fez com ele por dentro. — A vida como eu conhecia terminou há seis semanas, quando minha inatividade causou a morte de um amigo e amado marido e pai. Não vou ficar parada e deixar coisas ruins acontecerem novamente. Se estivesse disposta a fazer isso depois de tudo que perdi, então deveria ter recusado meu banimento e implorado à colônia que me matasse.

Ele deixou-a reclamar, sentindo que precisava disso. Ela não era uma mulher de perder o controle, e o fato de se sentir segura o suficiente para fazer isso com ele, mexia com ele mais profundamente do que queria admitir.

— Você sente falta? De sua antiga vida com seu povo?

— Todos os dias. — Ela sorriu tristemente. — Mas não importa. Nunca poderei voltar e nunca serei capaz de me redimir com a colônia, então devo fazer isso aqui. Preciso ter um propósito nessa nova vida – por mim mesma, tanto quanto quero mostrar ao meu pessoal que não sou a pessoa horrível que eles acreditam que eu seja. Preciso provar que tenho honra, que valho alguma coisa.

— Não precisa provar nada a ninguém, Sia. Você já é todas essas coisas.

Ela deu a ele uma risada sem graça. — Elogio, de você?

Ele balançou a cabeça. — A verdade. Estou apenas dizendo o que vejo.

Seus olhos suavizaram quando ela olhou para ele. Antes que percebesse, seus dedos se iluminaram suavemente em seu rosto, traçando sua cicatriz hedionda e mandíbula apertada. — Quer saber o que vejo? Você é tudo que eu não esperava. Um bravo guerreiro. Um homem de profunda honra e convicção. Vejo alguém que foi muito machucado e não apenas sobreviveu, mas emergiu mais forte. — Ela acariciou sua bochecha arruinada, a luz suave brilhando em seus olhos. — A que você sobreviveu, Trygg? Sei que sua infância foi difícil. Ouvi algo sobre o programa em que você estava – um Hunter, não é como foi chamado?

— Sim, é assim que fomos chamados. — Ele exalou bruscamente, mas permitiu que o toque dela permanecesse por um momento antes de se afastar. — Nós éramos assassinos. Cuidados como prisioneiros, tratados como animais. Pior que os animais. Tínhamos um propósito desde o momento que nascemos, e isso era entregar a morte sob o comando do nosso mestre.

Sia ouviu, inflexível. Mas quando falou, foi com uma voz suave e cuidadosa. — Por que você ficou?

Essa resposta era tão simples quanto conclusiva. — Não conhecia nenhuma outra vida. Nenhum de nós conhecia. Mesmo que conhecesse, não havia chance de sair. Se tentássemos fugir, morreríamos. Se nós desobedecêssemos ou demonstrássemos o menor desafio ou arrependimento durante nosso treinamento, morríamos.

— Mas, mesmo quando crianças, você e os outros devem ter sido fortes. Não havia como ultrapassar esse louco e se salvar?

— Dragos planejou essa possibilidade. Todos os garotos do programa estavam equipados com um inquebrável colar ultravioleta que detonaria se adulterado... ou sempre que Dragos pedisse a nossa

demissão. — A mão de Trygg chegou ao pescoço em reflexo. — Às vezes, juro que ainda posso sentir o polímero preto e frio contra minha pele.

Sia abaixou o olhar, sua respiração escapando num suspiro superficial. — Ele parece o pior tipo de monstro.

— Ele era — concordou Trygg, lembrando muitos dos rostos de seus irmãos no programa, muitos dos quais serviram como horríveis lições para Trygg e os outros meninos de que não havia como escapar de Dragos, ou do colar UV colocado tão logo eles pudessem andar. — Dragos nos treinou para sermos monstros também. Ele nos treinou bem.

Sia não disse nada por um longo momento. — E foi a Ordem que finalmente te libertou?

Ele assentiu. — Devo a eles a minha vida. Eu a daria por qualquer um dos meus irmãos guerreiros.

— Esse tipo de lealdade é um presente raro — murmurou ela, sua expressão distante e arrependida, como se nunca tivesse visto esse tipo de fé em alguém. — Como eles salvaram você, Trygg?

— Quando derrotaram Dragos, um guerreiro da Ordem chamado Gideon encontrou uma maneira de desabilitar remotamente os códigos de bloqueio nos Hunters ainda no laboratório. Como eu, a maioria deles eram meninos jovens. Eu tinha catorze anos.

— Então, você se juntou à Ordem imediatamente?

— Não. Fiz meu próprio caminho nos Estados por um tempo. Não foi até eu chegar à Itália que procurei a Ordem e ofereci minha vida a serviço deles.

Ele escolheu parar por aí, contando sua história com uma total falta de inflexão, precisamente como o programa lhe ensinou a ser. Sem emoções. Sem necessidade de cuidado ou carinho. Apenas a fria eficiência da máquina. Nenhum Hunter saiu do programa sem um coração frio e afiado como uma lâmina.

Se não se cuidasse, uma mulher como Tamisia poderia suavizar aquelas arestas afiadas.

Torná-lo fraco.

Inferno, ela já estava. De que outra forma podia explicar o fato de que a deixou sequestrar sua missão esta noite? Agora estava sentado na cama dela, com um envelope de evidências espalhadas diante dele e perguntas que precisavam de respostas, mas tudo que conseguia pensar era o prazer do toque de Sia. Seus expressivos olhos azul-celeste se encheram de terna emoção... E desejo.

— O que aconteceu com os Hunters que foram libertados?

Ele deu de ombros. — Estou ciente de apenas alguns. Um deles, chamado Scythe, vive com sua companheira Chiara aqui na Itália.

— Ele é tão grande e razinza quanto você? — perguntou Sia, sua linda boca se curvando.

Trygg riu. — Ele era. Chiara o amansou um pouco, mas tenho certeza que meu meio-irmão ainda é uma dor na bunda dela.

Sia riu. Ela olhou para ele, inclinando a cabeça em diversão. — E Scythe é tão bonito quanto você?

Trygg sentiu seu rosto endurecer numa máscara de pedra. — Não brinque comigo, Tamisia. — Sua voz baixa saiu como um chicote. — Estou bem ciente da minha aparência, e não sou tão facilmente enganado quanto os homens que adularam seus pés na estação JUSTIS.

— Não estou brincando com você. — Ela soou totalmente sincera, até mesmo irritada. — Acha que a cicatriz te deixa feio? Não deixa. Não para mim. Apenas as ações de alguém podem torná-las feias, Trygg.

Ele não se sentiu confortável com essa opinião. — Então, se soubesse tudo que fiz na minha vida, me acharia medonho.

— Então me diga, Trygg. Por que não me deixa decidir?

Ele virou a cabeça numa maldição. — Não vim aqui para falar de mim.

— Então por que veio? — Os dedos dela estavam em seu queixo, atraindo seu olhar para ela. — Poderia facilmente tirar o envelope das minhas mãos. Poderia sair hoje à noite como ameaçou fazer, mas não o fez. Por que não?

Levou mais controle do que ele pensou ser possível não se afastar de seu aperto de luz e ir para a porta. Mas isso só confirmaria seu pior

medo – que essa mulher estava ficando sob sua pele. Que estava ficando perigosamente perto de seu coração.

— Não me empurre, Sia.

Ela balançou a cabeça. — Acho que um empurrão é exatamente o que você precisa.

Sem aviso, ela tomou a boca dele num beijo firme e ardente.



CAPÍTULO 7

Ele gemeu abruptamente quando suas bocas se uniram. As mãos dele estavam em seus ombros, os dedos como ferro, tão imensamente fortes. Por um momento, Sia pensou que ele certamente a empurraria.

Ela ultrapassou os limites ao beijá-lo. Sabia disso. Podia até ter enlouquecido, empurrando um perigoso macho Raça como Trygg. Um Hunter. Um assassino frio e sem emoção.

Mas ele parecia qualquer coisa, menos frio.

Não parecia sem emoção também.

Estava quente e selvagem contra seus lábios, tão poderoso quanto uma tempestade. As mãos dele subiram para enjaular seu rosto quando ele aprofundou o beijo. Ela abriu a boca, ansiosa pela invasão.

Ela também estava em chamas. Por este assassino com assombrados olhos escuros. Este macho Raça que era como nada que ela já conheceu.

Quando ele a beijou, tudo que sentia era a necessidade do homem que a fez desejar sua escuridão do jeito que ela precisava de luz – de força e nutrição para a sobrevivência em sua forma mais elementar.

Ela era imortal, tão formidável quanto qualquer Raça, mas nunca se sentiu mais delicada e pequena do que agora com ele. E maravilhada pela sensação, a saboreou.

O fogo líquido disparou através dela e ela gemeu quando seus mamilos endureceram. O poder primitivo e inalterado fluía dele, sua força e vitalidade a atraíam, fazendo-a doer com um desejo tão consumista que a surpreendeu.

Ele recuou então, seus olhos flamejando com âmbar ígneo, as presas enormes entre os lábios entreabertos enquanto a respiração escapava dele, grosseira e crua. — Já faz muito tempo para mim, Sia. E como você é... Tão linda. Cristo, a forma como você se sente.

Ele se interrompeu com um gemido, levando as mãos ao ombro dela e à manga rasgada da blusa. Ele brincou com a borda desgastada por um segundo, depois a soltou, arrancou a roupa do corpo dela e a empurrou para o colchão. Sia engasgou com a repentina onda de ar frio quando sua pele aquecida foi exposta a ele. Mas o calor dele logo encheu o espaço, e então a boca dele estava em seu ombro, sua clavícula, seu peito inchado ainda envolto na renda do sutiã.

— Você me consumiu desde a primeira vez que te vi — murmurou ele, a língua quente e úmida em sua pele sensível. Ele fechou os lábios sobre o fecho na frente de seu sutiã, então pegou entre os dentes e mordeu. Seu gemido ao afastar o fino tecido era puro macho, totalmente possessivo. — Você tem sido um tormento, Sia, mas esta noite? Porra. A maneira como me senti quando você entrou naquela estação, parecendo que alguém havia colocado as mãos em você...

Ele inclinou a cabeça para beijar seu seio, levando seu mamilo endurecido à boca enquanto alcançava entre suas pernas para cobrir seu sexo através do jeans.

Ela se contorceu com o pico de necessidade que a atravessou enquanto ele mamava forte e acariciava-a implacavelmente, punindo-a

com a língua, dentes e mãos. Quando finalmente afastou a boca e olhou para ela, suas pupilas eram fendas estreitas, suas íris pareciam um inferno de necessidade e algo mais profundo que ela não podia nomear.

— Estava preocupado que algo tivesse acontecido com você? — rosnou ele grosseiramente. — Claro que sim. Fiquei chateado quando percebi seu jogo? Juro, eu queria te matar naquele momento, Sia. Podia ter te estrangulado com minhas próprias mãos. — Ele mostrou as presas numa ameaça que a fez tremer, embora não com algo próximo ao medo. E com cada palavra áspera que rosnava para ela, as mãos dele continuavam o ataque tenro em seu corpo dolorido. — Não estava preparado para o que você faz comigo. Desde então, não consigo decidir se quero enfiar meu punho por uma parede ou meu pau em você.

Ela não conseguiu conter o sorriso encharcado de desejo. — Se está me pedindo para escolher, prefiro o último.

Para provar seu ponto, ela se abaixou para segurar sua enorme ereção sobre o zíper das calças. O eixo mais do que encheu seu aperto, aumentando ainda mais quando o acariciou. Ele pronunciou seu nome num grunhido baixo e de outro mundo, depois tomou sua boca num beijo profundo e urgente.

Sia estendeu a mão para a parte de trás da camisa preta e a arrastou sobre seus ombros, a boca dele apenas deixando a dela por tempo suficiente para que ela o libertasse da roupa. Eles se deitaram e beijaram um pouco mais, suas coxas grossas escarranchadas sobre ela e as mãos deslizando em seu cabelo, ancorando-a no lugar enquanto traçava a pele macia no interior de seu lábio inferior antes de morder com força.

Ela engasgou quando um raio de necessidade passou por ela, juntando-se em seu núcleo. Ele afastou a boca enquanto se levantava para olhá-la, suas pupilas mal visíveis no centro de tanta quente luz âmbar. Os *dermaglifos* Raça cobriam todo seu corpo até o pescoço. As marcações de pele multicoloridas eram como uma pintura agora, seu desejo por ela fazendo os redemoinhos, arcos e vinhas se emaranharem em padrões com movimento e cores pulsantes.

Sia nunca viu nada tão magnífico. Cada centímetro dele era músculo denso e pele firme girando com as estranhas marcas alienígenas, um testemunho vivo e emocionante de sua necessidade por ela. Nada como a pele dourada e beijada pelo sol de seus antigos amantes na colônia, incluindo Elyon, cuja perfeição física podia ter feito os anjos chorarem.

Não, com sua constituição maciça e músculos volumosos, Trygg parecia mais demônio que anjo. E seus olhos famintos não conseguiam se satisfazer com ele.

— Você é glorioso, Trygg. — Ela alisou os dedos sobre seus músculos quentes e os magníficos dermaglifos que eram exclusivamente dele. — O homem mais incrível que eu já vi.

Sua boca sensual se contorceu com o elogio dela, mas desta vez ele não a rejeitou. Sua respiração estava serrada, suas presas como adagas peroladas enquanto ele olhava faminto para ela embaixo dele.

— Bela Sia — disse ele, as mãos vagando de sua cintura para o inchaço de seu quadril. Agarrando-a ali, ele a arrastou contra sua virilha, usando seu agarre para esmagar seus corpos mais fortemente juntos. — Já estive com um Raça?

Embora formulado como uma pergunta, ele queria dizer isso também como um aviso. Um que fez suas veias pulsar e o calor se acumular no seu centro ainda mais derretido.

Ela balançou a cabeça. — Nunca quis estar. Agora não consigo pensar em nada que tenha desejado mais. Só você.

Com a pressão de sua excitação dura e espessa projetando-se contra ela, gemeu, subitamente desesperada para se aproximar ainda mais. Ele se inclinou sobre ela, puxando seu cabelo com força quando tomou sua boca novamente, o aperto inclinando sua cabeça para trás, mostrando sua garganta para ele.

Ela podia sentir seu pulso batendo lá e congelou, se perguntando se ele queria afundar os dentes em sua carne. Alguma parte selvagem e imprudente dela queria que o fizesse. O desafiasse. Qualquer coisa para fazer este intenso, necessitado puxar dentro dela diminuir. Mas não, ele

apenas roçou os lábios sobre a pele dela, deixando um rastro de chamuscas em seu caminho quando se moveu abaixo.

— Tão macio — murmurou ele num gemido quando raspou sua mandíbula com a borda das presas. Por um segundo, ele se afastou para beber o calor de seu olhar derretido.

Então estava novamente sobre ela, desta vez com as mãos no cós, habilmente desabotoando o jeans, lentamente abaixando o zíper. Ela ajudou, contorcendo os quadris enquanto ele deslizava o material sobre suas coxas e para o chão. Foi só quando se endireitou que percebeu que ele também tirou a calcinha dela. E agora estava deitada diante dele nua.

O pulso em seu pescoço martelava como um tambor enquanto seu olhar viajava sobre ela. Ele afastou as pernas dela com força e baixou a cabeça entre as coxas abertas. Um momento depois, estava em cima dela, a boca derretida cobrindo seu sexo enquanto a língua batia contra a parte dela que mais doía.

Ela fechou as mãos sobre a cabeça dele e segurou firme, deleitando-se com a sensação da boca dele. Ele dominou seu prazer, combinando longos e sensuais golpes com rápidas e brutais lambidas da língua sobre seu clitóris e profundamente na fenda de seu sexo. Então mergulhou um dedo dentro do calor úmido de seu canal e estrelas explodiram atrás de suas pálpebras fechadas.

Seu corpo entrou em erupção no clímax, o mundo ficou fora de foco quando onda após onda de êxtase caiu sobre ela. Então, rapidamente, ele a enviou ao limite e agora ela não queria nada mais do que ele se juntar a ela.

Ela estendeu a mão para ele, não se importando se mostrava o quanto precisava dele.

Desesperada. Essa era a única palavra para como se sentia.

Estava desesperada para sentir seu comprimento dentro dela. Preenchendo o espaço que parecia tão vazio. Fazendo-a esquecer de quão solitária realmente estava desde que chegou a este mundo mortal. Quão solitária estava em casa na colônia.

Ela lutou com o cinto dele, seus movimentos anormalmente desajeitados. Quando soltou um som frustrado, ele cobriu as mãos, acelerando as coisas. Em instantes, estava nu. E se Sia pensou que ele era impressionante antes, a visão dele totalmente despido e descaradamente excitado roubou todo o ar de seus pulmões.

Seu sorriso de resposta não carregava vergonha. E por que deveria? Ele era magnífico.

E, pelo menos por enquanto, era dela.

— Toque-me — ordenou a ela, como se ela precisasse da direção.

Suas mãos já se aproximavam dele, gananciosas para sentir seu poder nas palmas das mãos... E em seu corpo.

Ele gemeu, deixando a cabeça cair para trás enquanto ela o acariciava. Mas não permitiu que ela explorasse por muito tempo. Com um grunhido, voltou ao lugar acima dela. Seus brilhantes olhos âmbar seguraram seu olhar quando se abaixou e empurrou dentro, enchendo-a num longo e forte impulso.

E então estavam se movendo juntos, dando e recebendo, corpos lisos e urgentes, dirigidos com uma necessidade combinada que nenhum deles podia negar. Era como se ela esperasse por isso toda sua longa vida. Esperasse por este homem para despertá-la e fazê-la se sentir verdadeiramente viva.

Sia gritou quando onda após onda de liberação se derramou sobre ela.

Mas o prazer que sentia era apenas o começo de algo maior ainda por vir. Trygg a levou lá antes que mal tivesse respirado desde o primeiro orgasmo. Nunca sentiu um desejo tão intenso, e não era uma virgem delicada sentindo o gosto de seu primeiro amante.

Não, essa paixão que sentia com Trygg era inesperada. Se soubesse que seria tão bom, podia ter controlado o desejo de beijá-lo. Porque agora, quando olhou em seus olhos ardentes enquanto ele perseguiu sua própria liberação, tudo que ansiava era mais.

Mais de um macho Raça que já se comprometeu a outro: a Ordem.

De todas as coisas que deveria ser capaz de aterrorizá-la, esse pensamento a preocupava mais.

Levando Trygg a beijá-la esta noite foi um impulso que não pode controlar. Agora temia que fosse um erro que não pudesse desfazer, mesmo que quisesse. Não que realmente tivesse vontade de tentar. Não quando o corpo dele ainda se movia dentro dela, persuadindo-a a esquecer de tudo, exceto o quão bom eram juntos.

Sia gemeu, insegura se era prazer ou tristeza que puxou o som angustiado de seu peito.

Talvez realmente tivesse perdido a cabeça esta noite.

Tudo que sabia era que se não fosse cuidadosa ao redor dele, também poderia perder seu coração.



CAPÍTULO 8

Trygg podia ficar enterrado dentro do calor suave e úmido de Sia a noite toda.

Ele perdeu a conta de quantas vezes a fez gozar. Seu próprio desempenho foi um para os registros. Horas depois, em algum lugar entre a meia-noite e o amanhecer, ela adormeceu em seus braços. Seus olhos permaneceram abertos. O sono era a última das suas preocupações. Havia algumas evidências sobre a cômoda fora de seu alcance – evidência que podia levá-lo a Santino – mas apenas se esquivou de seu dever a fim de roubar algumas horas de prazer com Sia.

Nenhuma dúvida sobre isso, fazer amor com ela valeu cada segundo e mais alguns.

No entanto, quando considerou o que acabou de fazer, a culpa o arrebatou.

Raiva também – dirigida apenas para si mesmo.

Sabia melhor do que deixar qualquer coisa distraí-lo de um objetivo.

Santino já podia estar se reagrupando após o estrago da manipulação de Rosa por seus homens. Se tivesse gente dentro da JUSTIS, já poderia estar ciente de que as evidências coletadas do quarto da mulher morta desapareceram em algum momento durante a noite.

E o tempo todo, Trygg se perdeu numa necessidade cegante e insaciável pela mulher ainda cochilando ao seu lado.

Droga.

Isso não podia acontecer novamente. Não podia permitir isso. Não até esta missão chegar ao fim. Então, talvez pudesse pensar em Tamisia, a Atlântida.

Agora, ela era uma distração que não podia permitir.

Rolando para longe dela, saiu cuidadosamente da cama estreita e se vestiu.

O telefone de Rosa e os outros itens que encontrou foram guardados em silêncio no bolso de sua jaqueta de couro.

Ele olhou por cima do ombro para Sia, dando uma última olhada em seu lindo rosto descansando no travesseiro. Os claros cabelos loiros que pareciam seda entre seus dedos estavam espalhados em desordem sensual. A boca que dera, e recebera, esse prazer erótico estava suavemente entreaberta, seus lábios da mesma pétala rosada que seus mamilos, que o tentaram mesmo do outro lado do quarto.

Queria assegurar-se de que tudo que tiveram foi sexo e alguma sinergia inesperada, mas até ele sabia que isso era uma mentira. Sia era diferente de qualquer mulher que conheceu, e não apenas por causa do que era. Ser Atlante era a coisa menos notável sobre ela.

Cristo. Estava muito longe e só teve uma noite com ela.

Quão inútil seria se deixasse essa coisa entre eles se tornar algo mais?

E se realmente se permitisse se apaixonar por ela?

Ele cortou a ideia na raiz.

Não havia espaço em sua vida para esse tipo de fraqueza. O amor era traiçoeiro. Era um mestre tão cruel quanto aquele que o escravizou durante a primeira parte de sua vida... E aquele que tão estupidamente confiou imediatamente depois de se libertar de Dragos.

Jurou que nunca mais se colocaria naqueles grilhões.

E, por mais tentadora que fosse Sia, o único senhor que servia agora era seu compromisso com a Ordem.

Começou a se afastar, mas um golpe de arrependimento o atrasou antes de dar o primeiro passo.

Ele não lhe devia algo pelo menos?

Um pedido de desculpas, se nada mais.

Agarrando uma caneta apressadamente de uma bandeja em cima da cômoda, pegou o envelope vazio de provas e rabiscou algumas fracas palavras no verso.

Então saiu pela porta nos pés do assassino furtivo.

* * * *

Sia acordou numa cama vazia e o sol brilhante da manhã entrando pela pequena janela do seu apartamento no sótão.

Como os tentáculos de um sonho incrível, o perfume escuro e picante de Trygg ainda se agarrava aos lençóis finos e à sua pele nua. Mas seu amante sombrio e incrivelmente apaixonado se foi.

Claro que foi. Luz do dia e Raça não se misturava.

Ainda assim, a decepção a fez gemer quando jogou a colcha e respirou fundo. Não estava de mau humor, mas o fato dele não tê-la acordado antes de sair fez com que sua boca ficasse com um pequeno beicinho. Então, novamente, se a despertasse para dizer adeus, ela poderia tê-lo persuadido a fazer ainda mais.

Nenhuma dúvida sobre isso, pensou, tremendo com a deliciosa lembrança de tudo que fizeram na noite passada.

Quanto tempo teria que esperar antes de vê-lo novamente?

Ele ligaria ou voltaria para o abrigo hoje à noite? Ela não era do tipo de mulher que esperaria por algo que queria, mas não tinha sequer como chegar até ele sem aparecer de surpresa no centro de comando da Ordem, no coração da cidade.

Ela não sabia o que fazer com a energia vertiginosa que passava por ela. Era tão estranha quanto o baixo fluxo de necessidade que ainda ressoava dentro dela, fazendo seu estômago se agitar e revirar. Essa sensação só se intensificou quando viu o envelope de evidências em sua cômoda, uma pequena nota escrita em caligrafia preta no verso.

Escrita de Trygg.

Ela correu e pegou a mensagem, dificilmente capaz de conter seu sorriso.

Assim que leu a primeira linha, toda sua excitação se esvaiu no chão.

Sia,

Esta noite foi ótima. Mas não deveria ter acontecido. Desculpe-me por sair assim. Deveria ter ido antes que as coisas fossem longe demais.

T.

Ela olhou para seu rabisco apressado, seu rosto queimando como se tivesse sido esbofeteada. A humilhação a inundou, junto com uma dor que não sabia como desligar.

Claro, não deveria se surpreender que Trygg tivesse ido embora. Ela sempre foi deixada ou traída.

Elyon usou seu corpo para sua própria diversão e sua posição no conselho para promover suas loucas ambições políticas. Antes dele, foi Zael, um encantador atlante que a acasalava em sua cama sempre que o capricho o atingia, apenas para deixar a colônia posteriormente e entregar seu coração a uma mulher que era Raça.

Houve vários homens que vieram e foram no passado imortal de Sia, mas, incrivelmente, a repentina rejeição de Trygg a incomodou mais.

Pelo menos ele foi sincero sobre isso.

E não havia ninguém para culpar nesta manhã pela dose de dura realidade, exceto ela mesma.

Afinal, foi ela quem o empurrou.

Não temia que isso fosse um erro, mesmo ontem à noite, enquanto estava feliz, cega e enredada nos braços dele?

Agora se sentia tão estúpida. Tão miseravelmente envergonhada.

A única graça salvadora era o fato de que provavelmente nunca mais veria Trygg novamente. Ele teria certeza disso, ela não tinha dúvidas.

Só podia esperar que fosse poupada da mortificação de ter que encará-lo após praticamente se jogar no colo dele.

Sia soltou um suspiro enquanto rasgava a mensagem e jogava no lixo. Tudo que queria fazer era rastejar para a cama desarrumada e fingir que isso nunca aconteceu.

Mas primeiro precisava de um banho longo e quente para lavar a memória dele da sua pele, se não da sua consciência humilhada.

Vestindo uma túnica, saiu de seus aposentos pequenos e desceu para um dos banheiros compartilhados no segundo andar.

Phaedra estava acabando de sair do quarto de Rosa, uma cesta de roupas de bebê da pequena Angelina e brinquedos de berço debaixo do braço. Ela sorriu para Sia. — Suponho que vamos ter que esvaziar este quarto e abrir espaço para outra garota em breve.

Sia assentiu. — Posso fazer isso se quiser. Vou começar logo após o banho.

Phaedra ergueu uma sobrancelha, seu tom confidencial, até conspiratório. — Ouvi a voz de um homem no andar de cima ontem à noite. Não sabia que estava em casa e quase bati na sua porta antes de perceber que você estava lá com um... Convidado. Ele ainda está aqui?

— Não. Ele se foi. E também não voltará. Desculpe se te preocupei.
— Sia olhou para os itens que sua amiga carregava, ansiosa para mudar de assunto. — Como Angelina está?

— Ela é um bebê doce. Mas sei que deve sentir falta da mãe, mesmo que não entenda o que aconteceu. A coitada dormiu e se mexeu a noite toda. Acho que ajudará ter seu berço e alguns de seus brinquedos e outras coisas.

— Claro — concordou Sia. Ela viu um pouco de penugem rosa no meio da coleção que Phaedra carregava. — Não admira que esteja com problemas para dormir. Ela não tem seu cobertor favorito...

De repente, uma pontada de instinto correu por Sia.

Ela puxou o cobertor rosa da cesta e estendeu-o diante dela, procurando por algo que não podia nomear, mas estava certa de que estava lá.

— O que há de errado? — perguntou Phaedra.

Sia não conseguiu responder. Concentrou-se no acabamento de cetim que corria ao longo das bordas da pequena colcha. E então viu o que procurava – uma fileira de pontos que não combinavam com o resto. Uma pequena parte do acabamento foi afrouxada e emendada.

E algo minúsculo foi costurado dentro dela.

— Ah, aí está você — sussurrou enquanto olhava para Phaedra, seu coração acelerado de excitação. — Rosa veio para cá porque o homem com quem estava envolvida – o pai de Angelina – se deparou com um homem muito perigoso. Ele foi assassinado por ter algo sobre esse homem mau, e seus agressores na outra noite estavam certos que o que quer que fosse, Rosa estava de posse. Nem sequer olharam para Angelina quando estavam no quarto, e ela estava chorando e chorando. Nem mesmo um único olhar.

Phaedra franziu a testa. — Não entendo.

— Este cobertor. Foi um presente do pai de Angelina não muito tempo depois de dizer a Rosa que estava em algum tipo de problema. — Sia deslizou a unha sob os pontos mal combinados e começou a rasgá-los. — Os homens que apareceram aqui procurando Rosa? Estavam

totalmente focados nela. Largaram a bolsa e a mochila, vasculharam o armário. Mas o que nenhum dos dois pensou em fazer foi procurar no berço. Parece que o lugar perfeito para esconder algo que você não queria que alguém encontrasse seria...

— No bebê — sussurrou Phaetra.

Sia pescou dentro do buraco que fez e puxou o pequeno item escondido.

— É um cartão SD — disse Phaetra, olhando para o pedaço de plástico e circuitos do tamanho de um dedo na palma da mão de Sia. — São usados para armazenar grandes quantidades de dados. Tamisia, o que acha desse cartão?

— Não sei. Mas conheço alguém que sabe.



CAPÍTULO 9

Trygg brandiu um machado de batalha com uma das mãos, enterrando a lâmina no grosso pilar de carvalho na área de treinamento da sala de armas do centro de comando. A madeira se partiu no impacto, explodindo uma chuva de cacos irregulares em todas as direções.

— Mãe fu... — Seu camarada, Savage, levantou da queda repentina que o ataque de Trygg lhe enviou, os olhos arregalados sob a cabeleira loura ondulada. Ele girou a cabeça para olhar o golpe que quase lhe acertou, depois riu. — Me pediu para treinar com você, idiota, não para ser voluntário como forragem de guilhotina.

— Apenas tentando manter suas habilidades questionáveis afiadas — respondeu Trygg. — Você passa tanto tempo com sua nova companheira, seria uma pena vê-lo ficar mole.

Savage sorriu. — Estar com Arabella faz qualquer coisa, menos me deixar mole. E desde quando você deu uma merda sobre o tempo que passo com ela? Não vai ficar com ciúmes, vai?

Em vez de dignificar o golpe com uma resposta, Trygg rosnou e trouxe o machado em torno de um segundo balanço. Savage girou para se esquivar, largando a própria arma e empurrando a lâmina de ferro do machado de Trygg contra o chão de concreto.

— Agora quem é o mole? — provocou Savage com um sorriso rápido.

— De novo. — Trygg levantou a arma para outra rodada, mas Savage levantou as mãos em sinal de rendição.

— Esqueça. Você já raspou alguns centímetros do meu cabelo com essa coisa hoje, e Bella precisa de algo para segurar. — Quando Trygg apenas grunhiu em resposta, seu amigo inclinou a cabeça para ele em questionamento. — Algo errado? Se não te conhecesse melhor, pensaria que você é quem está com problemas do tipo feminino. E já que a única mulher que vi que você olhou duas vezes foi a geleira Atlante Tamisia há algumas semanas...

— Você não sabe nada — resmungou Trygg. Ele relaxou sua postura, então atravessou a sala para guardar a arma na prateleira.

— Ela ainda está em Roma, você sabe.

— Estou ciente.

— Sim? — Savage se aproximou e sacou sua arma também. O guerreiro olhou, então se posicionou de modo que estava encostado na parede e observando o olhar de Trygg. — Também está ciente de que ela está aqui agora?

— Aqui? — respondeu Trygg, esperando ter entendido mal.

Savage assentiu, parecendo muito intrigado. — Eu a vi no escritório de Lazaro no meu caminho para treinar com você.

Merda. Isso foi quase uma hora atrás. — O que diabos Sia está fazendo em reunião com o comandante?

Savage arqueou uma sobrancelha. — Então, ela é Sia agora, né? Talvez a geleira da Atlântida não seja tão fria quanto todos nós pensávamos.

A diversão óbvia do guerreiro com essa ideia fez com que Trygg quisesse afastar o sorriso de Savage com outro duro combate de prática

de combate. Mas tinha problemas maiores para enfrentar se Sia assumiu o compromisso de entrar em contato com Lazaro Archer. Especialmente após o fiasco da noite anterior no apartamento dela.

O que ela estava fazendo, apresentando uma queixa formal?

Trygg não precisava responder ao seu comandante ou seus irmãos guerreiros sobre quem escolhia para deixar nua, mas sabendo que Sia estava no prédio, saiu da sala de armas rapidamente. Savage seguia nos seus calcanhares.

Assim como o guerreiro alegou, Sia estava numa reunião a portas fechadas com Lazaro. Os dois saíram juntos da sala quando Trygg se aproximou do outro lado do corredor.

— Ah, lá está ele agora — disse Lazaro com um aceno de cabeça.
— Trygg, estava indo encontrá-lo.

Ele não conseguia deixar de olhar para Sia enquanto o comandante falava. Ela parecia ainda mais bonita, se isso fosse possível. Mas enquanto a expressão em seu rosto era indiferente, seus olhos azuis eram glaciais.

Lazaro fez um gesto para ela. — Você se lembra de Tamisia.

Não foi uma pergunta. O comandante foi informado sobre o ataque à mulher no abrigo de Sia, e era muito observador para fingir que não estava, pelo menos, periféricamente ciente da estranha tensão que irradiava de Trygg e a Atlante enquanto se encaravam agora.

— Tamisia — disse Trygg, dando-lhe um aceno de saudação ao tentar ignorar o baixo bufar de Savage atrás dele. O olhar fulminante de Sia foi a resposta mais difícil de ignorar. Ele limpou a garganta. — O que está acontecendo, Lazaro?

— Isso. — O comandante segurava um minúsculo cartão SD entre os dedos. — Graças à ajuda de Tamisia, podemos voltar ao jogo em nossa busca por Santino.

— Puta merda. — Trygg pegou o cartão.

— Está criptografado — disse Lazaro —, o que só confirma que temos algo grande aqui.

Trygg lançou seu olhar incrédulo para Sia. — Onde conseguiu isso?

— No cobertor de bebê de Angelina — respondeu ela categoricamente. — Achei costurado no acabamento.

— O que foi um presente de seu pai, Gianni Tiaggi?

Ela deu-lhe um aceno de cabeça relutante.

— Porra. Claro, estava escondido no cobertor.

Por que não pensou nisso ontem à noite? Porque estava muito ocupado pensando em deixar Sia nua, por isso. O fato de que ainda estava revivendo o tempo deles agora servia apenas para fortalecer sua decisão de cortar sua atração pela raiz.

Ele balançou a cabeça enquanto considerava o cartão de dados na palma da mão. — Tiaggi deve ter percebido que alguém que buscava a informação que poderia ter passado nunca pensaria em procurar na criança.

Sia deu de ombros. — Ou não se importava. Quem pode dizer quando se trata de como os homens pensam?

A farpa o cortou, como pretendido. Se seu comportamento frio deixava alguma dúvida, seu tom cortante não o fazia. Sia estava malditamente chateada. E havia uma estranha resignação em seus olhos quando olhou para ele. Como se já tivesse virado a página da noite anterior em sua mente.

E no seu coração.

— Acha que pode quebrá-lo, Trygg?

A pergunta de Lazaro o sacudiu por um momento antes de perceber que falava sobre o cartão SD. — Sabe que posso.

Lazaro assentiu. — Então vamos ver o que está escondido no cartão.

* * * *

Lazaro Archer liderou o caminho pelo corredor, com Savage caminhando ao lado dele. Para consternação de Sia, Trygg ficou atrás de seus companheiros, retardando seus passos de pernas longas para

acompanhar seu ritmo. A última coisa que queria fazer era falar com ele, mas ele parecia determinado a ter algumas palavras.

— Vai me dizer a verdadeira razão pela qual está aqui?

— Não é óbvio? — Ela continuou andando, recusando-se a olhar para ele. — A Ordem está procurando informações sobre Roberto Santino e parece que encontrei algumas.

— Sabe o que estou perguntando, Sia. — Ele estreitou um olhar sobre ela, mantendo sua voz profunda num sussurro apertado. — Por que trazer as provas para Lazaro em vez de vir para mim?

— Oh, isso era uma opção? Desculpe-me, acho que não sabia com base na nota que me deixou antes de sair pela porta enquanto eu dormia.

— Você está chateada comigo.

— De modo nenhum. Você se comportou exatamente como eu deveria ter esperado.

Ele proferiu uma maldição em voz baixa, depois diminuiu a velocidade com a mão no pulso dela. — Eu disse que sentia muito pela noite passada.

— Sim, você disse. — Ela se soltou de seu aperto frouxo. — E eu também sinto.

Ela acelerou o ritmo até chegar ao seu comandante e colega. Ela sentiu o calor dos olhos de Trygg em suas costas enquanto atravessava a porta que Lazaro segurava aberta para ela, para uma sala cheia de computadores e outras tecnologias.

Trygg entrou um momento atrás dela, indo até o assento vazio na frente de um banco de monitores e processadores iluminados.

Ele não disse nada, indo direto ao trabalho no cartão de armazenamento de dados. Sia estava ao lado de Lazaro quando Trygg inseriu o cartão num computador e seus dedos voaram com velocidade e graça sobre o teclado. Ela olhou, cativada enquanto ele trabalhava.

Parecia estranho vê-lo se destacar nessa habilidade, sabendo que ele nasceu e foi criado para ser um assassino.

Apesar de não ser mais estranho do que saber que aquelas mesmas mãos habilidosas e mortais também proporcionaram um prazer tão intenso na noite passada.

Mentalmente impediu a lembrança do amor deles de sua mente. Estava aqui porque queria que a Ordem tivesse sucesso em parar Santino.

Após sua conversa com Lazaro Archer, essa missão era tudo que importava.

Ela engoliu em seco e observou junto com os camaradas de Trygg quando ele clicou no pequeno link da unidade para abrir seu conteúdo. Como Lazaro descobriu ao tentar abrir os dados do cartão, os arquivos estavam protegidos por um código de criptografia.

Demorou três segundos para Trygg quebrá-lo.

Na tela, uma lista de seis arquivos rotulados apenas com números os encarava. Trygg abriu o primeiro. Era um arquivo de texto com o que parecia ser uma coleção de e-mails de copiar e colar. Cada um tinha pouco conteúdo, datado nas últimas três semanas, todos de alguém com o nome de usuário *il_re*.

— O rei — murmurou Lazaro, seu tom sardônico.

Os olhos de Sia se arregalaram. — Está dizendo que estes são os e-mails pessoais de Santino?

— Parece que sim. — Savage sorriu. — Il Re. Sutil o idiota não é.

Trygg abriu cada arquivo, e Sia animadamente começou a lê-los em voz alta, traduzindo enquanto lia. — Marina di Ardea ainda está muito quente. Escotismo novo local. Aguardem a palavra antes de prosseguir.

Ela assistiu enquanto ele rolava para o próximo, e então o próximo, seu pulso acelerado ao perceber que estavam quase certamente olhando para a correspondência de Santino para um ou mais de seus tenentes.

Quando chegaram ao final da lista, Lazaro se afastou com uma carranca. — Este é um bom achado, mas tenho que admitir que esperava muito mais.

Sia olhou para ele. — Pode parecer insignificante para nós, mas o conteúdo deste cartão foi suficiente para causar medo a Gianni Tiaggi por

sua vida – e com razão, considerando que seu corpo foi encontrado no rio há menos de uma semana. Qualquer informação aqui é o suficiente para os homens de Santino matarem Rosa só porque achavam que ela poderia tê-lo.

— Sia está certa — disse Trygg. — E os e-mails não são a informação real sobre isso.

— Então o que é? — perguntou Lazaro.

Trygg não respondeu. Estava completamente absorto em seu trabalho agora, seus olhos escuros focados como laser na tela enquanto digitava mais alguns comandos. — Há um arquivo oculto aqui. Posso sentir.

— Você pode *sentir*? — Sia olhou para seu rosto robusto, sua cicatriz brilhando a luz da tela. — O que é isso, uma coisa Raça?

Ele deu a ela um olhar de desconfiança. — É minha coisa.

— Todos nós temos nossos talentos únicos — interveio Savage. — Meu homem Trygg aqui tem uma conexão especial com dispositivos tecnológicos. Se não consegue seduzi-los com os dedos no teclado, pode despi-los com a mente. Meio que compensa sua falta de *finesse* quando se trata de pessoas.

Savage piscou para ela quando disse isso, o que fez o rosto de Sia enrubescer com uma nova onda de constrangimento. Trygg disse ao seu amigo sobre o que fizeram na noite passada? Ela ergueu o queixo como se não se importasse, mas por dentro estava morrendo.

— Que tipo de arquivo oculto acha que temos aqui? — perguntou Lazaro, inclinando uma mão sobre a mesa ao lado de Trygg para dar uma olhada mais de perto.

— Ainda não sei — murmurou ele. — Provavelmente algo que Tiaggi não queria que Santino soubesse, mesmo que alguém encontrasse o cartão. Mas tenho uma maneira de contornar.

Trygg acessou um programa que dividiu a tela. De um lado estava a lista de seis arquivos. Do outro, uma cadeia de código funcional que parecia se conectar aos dados no cartão, procurando fissuras na

criptografia. Finalmente, uma janela apareceu, mas em vez de abrir, exibiu um erro de acesso negado e um pedido de senha.

— Outro *firewall* — murmurou Sia, perdendo a paciência. Não era só ela que queria os dados tanto quanto qualquer um dos guerreiros na sala com ela, era o fato de que estar tão perto de Trygg estava causando estragos em seus sentidos. Sua frustração saiu num *huff* exalado. — Pensei que você disse que poderia quebrá-lo.

— Eu posso. — Ele parou de bater no teclado e fechou os olhos por um momento, seu rosto em total concentração. Um momento depois, a janela desapareceu e um arquivo foi aberto. Cadeias de números de vários dígitos preencheram a tela.

Sia olhou para eles, tentando encontrar alguma lógica nas sequências. — O que é isso?

Trygg deu-lhe um sorriso sombrio enquanto continuavam rolando, página após página após página. — Acho que pela aparência deles, é uma lista de contas bancárias na Suíça.

— Puta merda — assobiou Savage. — Se isso for verdade, podemos estar olhando potencialmente para o acesso a milhares de milhões de dólares dos ativos de Santino. Se jogarmos nossas cartas corretamente, podemos ter suas contas drenadas em horas.

— É verdade — disse Lázaro. — E isso é uma boa notícia. Mas quebrar Santino não é tão bom quanto um Santino morto.

Trygg ainda vasculhava a lista quando parou o cursor sobre um conjunto de números com marcações de grau ao lado deles.

— O que há de errado? — perguntou Sia, inclinando-se para lê-los.

— Este conjunto de números é diferente. Não são números de contas. São coordenadas, seguidas pelo que parece uma data e uma hora.

Ele abriu uma nova janela e digitou um conjunto de coordenadas num mecanismo de busca. Um segundo depois, um mapa do sul da Itália encheu a tela com um alfinete sobre a cidade portuária siciliana de Trapani.

— Estes são os prazos de entrega — murmurou ele.

— Duas noites a partir de agora — respondeu ela sem fôlego, pegando a sequência numérica e vendo a data agora, seu corpo zumbindo com energia e adrenalina. Estavam tão perto de ser capazes de derrubar aquele bastardo agora, podia sentir o gosto.

Savage sorriu. — O que quer que Santino esteja fazendo com essas mensagens, parece que acontecerá em Trapani.

Lazaro deu um tapinha no ombro de Trygg. — Sabia que podia contar com você. Preciso ligar para Lucan e avisá-lo do que descobrimos.

O comandante entrou no corredor, o telefone já em seu ouvido. Savage saiu da sala sem nenhuma desculpa, deixando Sia e Trygg sozinhos mais uma vez.

— Admita — disse ele depois de um momento, girando em torno de sua cadeira. — Você está impressionada.

Ela zombou. — Só porque você tem alguma óbvia habilidade com a tecnologia bastante rudimentar deste mundo? Dificilmente.

Ele encolheu os ombros. — Bem, você me impressiona, Sia. Procurar o cartão de dados no cobertor do bebê foi... Isso foi muito inteligente. Não teríamos nada agora se você não tivesse juntado isso. Obrigado.

Ela não esperava seu elogio nem sua gratidão. O fato de oferecê-lo a deixou confusa e instável. Ela veio aqui alimentada pela raiva e um senso de orgulho machucado. Mais que isso, foi para Lazaro Archer com um coração amargo e ferido. Agora, Trygg estava agindo como se eles ainda fossem um time – embora pouco disposto.

Não podia se deixar cair tão facilmente. Não aprendeu nada depois de Elyon e dos outros homens que deram em cima dela para conseguir o que queriam?

Agora, era sua vez de ganhar algo só para ela. Algo que queria.

E tinha toda a intenção de fazer exatamente isso.

— Pedi a Lazaro que me ajudasse na missão de derrubar Santino.

Trygg pulou da cadeira, as sobrancelhas escuras colidindo juntas.
— Você o que?

— Eu pedi a ele, e ele concordou.

Ele olhou boquiaberto para ela, como se acabasse de sair um chifre no meio da sua testa. — Por que diabos ele concordaria com isso?

A voz profunda de Lazaro forneceu a resposta. — Porque Tamisia já se mostrou um trunfo para nós nesta operação. Sem ela, ainda estaríamos perseguindo nossos rabos procurando os fios mais finos para nos levar ao filho da puta. Agora, temos e-mails, números de contas e um possível salto nos horários de distribuição da Santino.

Trygg parecia positivamente furioso. — Não gosto disso. Esta é minha missão, Lazaro. Não quero uma mulher no meio do caminho...

Sia engasgou. — No meio do caminho? Acabou de dizer que eu te impressionei. Disse que eu era esperta...

— Sim, você é — interrompeu Trygg. — Então seja esperta, Sia. Deixe a Ordem lidar com isso. Não precisamos nos preocupar com você se machucando.

Ela olhou para ele. — Posso cuidar de mim mesma. Acho que já demonstrei isso para você mais de uma vez. — O calor formigou nas palmas das mãos. Não teve que olhar para elas para saber que estavam se enchendo de energia. — Não sou uma mulher fraca que você tem que proteger, guerreiro. Poderia colocar você na sua bunda agora. Sou sua igual, Trygg.

— Nunca disse que você não era.

O olhar de Lazaro girou entre eles. — Bom. Então isso está resolvido. Trygg, conheça sua nova parceira. Eu já decidi. Ela está dentro e, francamente, precisamos dela. Lucan acabou de me informar que estão ouvindo falar que o primo de Santino, Marco Crespo, voltou para a Itália.

Trygg grunhiu. — Pensei que esse idiota tivesse se mudado permanentemente para os Estados há seis meses.

— Bem, agora ele está de volta por algum motivo. Precisamos descobrir o motivo. — Lazaro olhou para Sia. — É aí que você entra.

Sia pegou o olhar desaprovador de Trygg, mas ignorou-o e sorriu para o comandante. — Diga-me o que preciso fazer.



CAPÍTULO 10

Era uma noite limpa com uma lua cheia e redonda pendurada no céu escuro. O tipo de noite que parecia implorar por problemas, mas Trygg sacudiu a sensação de inquietação quando se sentou ao volante de um sedã indefinido, contando os minutos antes de poder entrar no movimentado clube a uma quadra da rua.

A operação desta noite já estava em movimento, com Sia em algum lugar dentro do prédio agindo como isca para se aproximar de Marco Crespo.

Trygg não gostou.

Na verdade, odiava a ideia da Ordem usando-a por qualquer motivo. Mas ela tinha outras ideias – outros planos de algum tipo, ele suspeitava – e não conseguiu falar com ela fora desta tarefa, independentemente do quanto ele queria. Ela deixou isso perfeitamente claro. E ele não tinha direito sobre ela, então que diabos.

Isso seria delicado e fácil, e então estaria voando sozinho novamente.

Ainda assim, soltou um grunhido baixo quando desligou o motor e saiu para a calçada.

Como combinaram, Sia chegou dez minutos antes de começar. Se ela estivesse seguindo o plano, deveria estar dentro do clube certificando-se de que Crespo a notasse. Queriam que seu alvo estivesse completamente absorvido numa nova conquista em potencial, então teria menos probabilidade de perceber o enorme macho Raça da Ordem espreitando nas sombras, certificando-se de que nada desse errado.

Trygg atravessou a área de estacionamento em passos longos e sem pressa, fazendo um balanço dos outros veículos do estacionamento. Ele sorriu ao passar pela Ferrari verde-veneno pertencente a Crespo. O primo de Santino inclinou o veículo em dois lugares de estacionamento para o caso de alguém não perceber que ele era um idiota quando dessem uma olhada em sua peruca.

Crespo tinha a reputação de ser um cara magro, mas também era uma piscina superficial quando se tratava de intelecto – totalmente boas notícias no que diz respeito à operação de hoje à noite.

O resto do círculo íntimo de Santino era tão cuidadoso, tão bem treinado que raramente escorregavam. Mas Crespo tinha uma fraqueza por mulheres bonitas, e era aí que Sia entrava. Tudo que ela precisava fazer era se aproximar o suficiente para colocar um rastreador nele sem ser detectada.

Por mais paranoico que fosse Santino, apenas rastrear os carros não seria suficiente. Mas esta noite Trygg tinha algo diferente para eles. O novo rastreador microscópico que ele criou se agarrava à pele como uma rebarba indetectável e se fundia ainda mais forte quando molhado. A conexão durava apenas uma semana, mas era tempo mais que suficiente para conseguir o que precisavam.

Animado pelo pensamento, Trygg alcançou a porta do clube e entrou. Quase instantaneamente, foi inundado pelo cheiro de viciados,

humanos e Raças. Ele sufocou uma tosse enquanto respirava tudo. Heroína, crack, até Dragão Vermelho.

Todas as coisas vis, mas foi o Dragão Vermelho que mais revirou seu estômago.

Se algum dos machos Raça dentro do clube estivesse alto por causa daquela merda e decidisse querer um gostinho de Sia...

Seus punhos cerraram ao lado pela ideia. Por mais crucial que essa missão fosse, cortaria uma área sangrenta por todo o maldito lugar se isso significasse mantê-la segura. Ela precisando ou não de sua ajuda.

Ele caminhou até uma mesa de canto, determinado a chamar o mínimo possível de atenção. Uma garçonete se aproximou quase imediatamente. Ele fez um pedido apenas como tentativa de se misturar, mas toda sua atenção estava focada do outro lado da sala lotada.

Sia era impossível perder, sentada numa mesa alta perto do bar.

Ele não a viu chegar, então a visão dela vestida com um mini-vestido justo e preto com um decote na frente e até a base de sua coluna o atingiu como uma explosão de espingarda. Botas de ébano de salto alto completaram o visual, alcançando seus joelhos.

Santa. Porra.

Dizer que ela estava gostosa era o eufemismo do século.

Seu cabelo estava puxado num rabo de cavalo alto que deveria parecer severo, mas só conseguia deixar seu rosto muito mais impressionante. Naquela noite, os grandes olhos azul-celeste estavam destacados com sombra e *kohl*, o efeito fazendo com que assumissem a maior parte de seu rosto sobrenaturalmente perfeito. Seus exuberantes lábios escorregadios com um brilho escuro de ameixa, e sua pele já iridescente coberta de algo que a fazia brilhar como diamantes sob os estroboscópios coloridos enquanto ela jogava a cabeça para trás e ria de algo que Marco Crespo sussurrava em seu ouvido.

O bastardo teria que ser cego, surdo e burro para não notá-la.

Inferno, ela estava tendo um efeito óbvio em todos os homens do clube.

E Trygg não era exceção.

Quando sua bebida chegou, parte dele queria rir com a facilidade com que ela enrolou Crespo. Mas o resto dele queria virar a porra da mesa, marchar em sua direção e arrastá-la deste lugar antes que Crespo ou qualquer outro macho decidisse colocar as mãos sobre ela.

Tarde demais para isso.

Sua visão assumiu uma névoa âmbar enquanto ele segurava a garrafa de cerveja e observava o braço de Crespo ao redor de suas costas nuas. Trygg pegou seu sutil recuar, mas só porque conhecia seu adorável corpo tão bem. Crespo era muito denso para notar sua repulsa, e ela teve o cuidado de cobri-la com um sorriso atrevido e um bater brincalhão de seus longos cílios.

O sangue de Trygg ferveu.

Quanto tempo ele teria que suportar esse ato irritante?

Mal completou o pensamento quando Crespo se levantou de repente, tirou algumas notas do bolso e jogou-as no bar. Ele gesticulou para a quadrilha de quatro bandidos que evidentemente o acompanhavam para ficar atrás, então estendeu a mão e Sia a pegou, permitindo que a levantasse. O movimento os colocou frente a frente, a boca dela a poucos centímetros da de Crespo. Uma raiva quente como Trygg nunca sentiu rolou pelo seu peito enquanto suas presas perfuravam suas gengivas.

De jeito nenhum a deixaria sair daqui com aquele pedaço de merda. Deixar o primo de Santino tirá-la do clube não fazia parte do negócio.

Mas Sia era quem liderava o caminho, lançando um olhar tímido por cima do ombro para Crespo enquanto o conduzia para a saída dos fundos.

Desapareceram, e o som de vidro tirou Trygg de sua raiva. Ele olhou abaixo e encontrou o punho em torno de uma garrafa marrom quebrada, sangue e cerveja vazando por toda a mesa laqueada.

— Foda-se isso. — Ele saiu da cabine com um grunhido.

Em vez de perseguir os companheiros de Crespo, saiu pela frente do clube e contornou o prédio num movimento rápido. Levou um momento para encontrar Sia. Ela estava escondida nas sombras na parte

de trás do estacionamento, as mãos de Marco Crespo vagando por ela como um polvo.

Cada músculo no corpo de Trygg vibrou com fúria desencadeada.

Sia deve ter percebido o brilho de seus olhos no escuro. Ela balançou a cabeça para ele como se estivesse sob controle, mas Trygg já estava em movimento.

— Tire suas mãos de merda dela. — Seu rosnado profundo alagou o ar da noite.

Sabia que estava interferindo na operação, mas, porra, não podia evitar. Não se importava com a capacidade de Sia de se cuidar. Também não se importava com a importância dessa missão. Se a Ordem precisasse de uma fêmea para servir de isca para Santino ou qualquer escória que servisse a ele, teriam que voluntariar uma de suas próprias mulheres.

Não a dele.

— Eu disse, tire as mãos, idiota. Fodidamente. Agora.

— Huh? — Crespo cambaleou para olhar para ele, seu rosto torcido de confusão e raiva pela intrusão. Ele deu uma olhada em Trygg, então olhou para Sia, sua expressão assassina. — Você armou para mim, vadia?

Ela olhou para ele friamente e deu um passo para longe.

Mas, assim como sua reputação poderia ter previsto, o fraco primo de Santino fez a coisa mais idiota que podia. Puxando uma arma de dentro de sua jaqueta, ele a levantou na frente da testa de Sia.

Inferno, não.

Trygg atacou antes mesmo de perceber que seu corpo estava em movimento. Pulando a distância entre ele e Crespo, derrubou o humano como um urso faz com um camundongo.

— Trygg, não!

O grito de pânico de Sia mal se registrou no vermelho ofuscante de sua raiva. Ouviu um estalo de tiro mais forte que o trovão quando a arma de Crespo disparou um tiro violento enquanto caía na calçada, mas nem isso afetou sua fúria.

Trygg puxou a cabeça do humano com tanta violência que foi um milagre que não se separou dos ombros de Crespo. Ele rugiu como um animal, mal controlando a vontade de rasgar o cadáver em pedaços apenas pela ofensa de tocar Sia.

Mas então Trygg sentiu um cheiro de sangue fresco em algum lugar próximo.

Sia. Ela estava no chão, suas longas pernas deslizando enquanto a bala rasgava sua coxa direita.

Filho da puta. Ela foi atingida.

Sabia que ela iria se curar sozinha, mas vê-la ensanguentada e caída no chão fez suas veias congelarem.

E então não estavam mais sozinhos.

A porta traseira do clube se abriu vários metros atrás deles, trazendo a batida forte de dentro e a tagarelice de vozes masculinas ansiosas com ela.

— Marco disse para ficar parado — choramingou um dos humanos.
— Não ficará feliz se nós o interrompermos.

Outro homem respondeu. — Ele ficará muito menos feliz se aquele macho Raça que vi aparecer aqui tentar roubar a loira gostosa que ele está tentando controlar hoje à noite.

— Estou te dizendo que o vampiro é da Ordem — interveio severamente uma terceira voz masculina. — Acho que ele é o Gen Um da unidade de Roma.

Alguém mais riu. — É melhor esperar que não seja, ou Marco e todo o resto de nós estamos...

— Fodidos — respondeu Trygg, pisando na luz.

Os homens pararam abruptamente e muitas armas foram retiradas. Trygg não sabia quem atirou primeiro. Tudo que sabia era que após um breve e caótico disparo de tiros e gritos de dor, Roberto Santino tinha menos um primo de merda e quatro de seus soldados de infantaria.

— Não posso acreditar que fez isso. — Sia veio ao lado dele, já andando sozinha. O olhar que girou nele era sombrio, algo mais que incrédulo. — Você matou todos eles.

— Sim. — Ele se virou para ela, deslizando o cano quente de sua 9 milímetros na cintura traseira de seu jeans preto. — Você está bem?

No final, essa era a única coisa que importava. Ela não respondeu imediatamente, mas podia ver que sua pele Atlante estava emendando enquanto ele observava. O cheiro doce de mel e cítricos de seu sangue ainda se agarrava a ela, fazendo seus sentidos latejarem e suas presas se alongarem ainda mais por trás do lábio superior.

Ele estendeu a mão para tocá-la, nem que fosse para se assegurar de que ela estava bem. Ela se encolheu longe do toque dele.

— Ninguém deveria morrer — murmurou ela em tom seco. — Essas foram nossas ordens, Trygg. Plantar o rastreador em Crespo e sair. É o que Lazaro esperava que fizéssemos.

Ele balançou a cabeça numa maldição. — Não dou a mínima para isso agora.

— Bem, eu dou! — Ela o empurrou e começou a marchar para longe da carnificina.

Ele a alcançou num piscar de olhos, bloqueando seu caminho. — Por que diabos você está tão chateada? Fiz isso por sua causa. Você não entende isso? Quando Crespo puxou essa arma para você, pensei...

— Você pensou o que? — atirou ela. — Que precisava me proteger? Não te pedi isso. Droga, Trygg, eu não quero sua proteção. Tudo que quero é...

Ela se cortou com um gemido de som miserável.

— Tudo que você quer é o quê? — exigiu ele. — Diga, Sia. Pelo amor de Deus, me diga do que se trata.

Seu olhar era severo, até mesmo acusador. — Tudo que quero é uma chance de voltar para casa e para a colônia. Para meu povo. De volta onde pertenço.

Ele recuou. Não esperava por isso. Ela admitiu uma vez antes que não passava um dia sem pensar em sua antiga vida. Ele só não considerou o quão profundamente ela obviamente queria isso. Especialmente desde que foi banida de retornar.

E isso levantou uma questão que o incomodava desde que a viu no centro de comando hoje cedo.

— O que esta missão tem a ver com sua volta para a colônia?

Seu olhar sombrio dizia tudo. — Fiz um acordo com Lazaro Archer. Eu ajudarei a Ordem de qualquer maneira que puder para livrar-se de Santino, e ele fará o que puder para convencer meu pessoal a permitir que eu retorne para casa.

A verdade de suas palavras o cercava como um soco, mas ele manteve o rosto impassível. — Isso é uma grande aposta, e você sabe disso.

— Sim, eu sei disso. Mas é a única esperança que eu tenho. — Ela olhou por cima dele para os corpos mortos e o fim de mais uma vantagem sobre Santino. — Você acabou de tirar essa esperança de mim.

Trygg tentou endurecer diante da tristeza nos olhos dela, o desespero. Mas não foi fácil. Não quando a única coisa que queria era que ela ficasse. Não apenas em Roma, mas com ele. Deveria ter dito isso antes.

Seu peito parecia oco no silêncio que se estendia entre eles. Ele sofria com uma emoção que não podia nomear nem reconciliar.

Sentiu-se desolado ao vê-la girar sobre os saltos altos e começar a marchar para longe dele. Parecia estranhamente vazio e sozinho.

Foda-se, não.

Não faria isso. Isso machucava, esse anseio.

Esta fraqueza em torno dela.

Deveria estar feliz por sua animosidade em relação a ele. Deveria estar ansioso pela chance de vê-la partir de sua cidade e de sua vida.

Disse a si mesmo que estava.

Prometeu a si mesmo que, uma vez que o que Sia mais queria era se livrar dele e estar livre para voltar para sua própria espécie, faria tudo ao seu alcance para que isso acontecesse.



CAPÍTULO 11

— Pensei que te encontraria aqui — disse Phaedra na manhã seguinte, juntando-se a Sia no telhado do abrigo.

Sua amiga atlante transformou uma área do telhado em jardim privado cheio de grandes vasos de plantas, canteiros de flores, árvores cítricas e estátuas de mármore. Era pequeno, com apenas cento e cinquenta metros quadrados de tranquilidade, mas era uma pequena fatia de paraíso, a coisa mais próxima de casa que Sia encontrou em qualquer outro lugar da cidade.

Ela se encharcava na paz e no silêncio, os braços abertos para os lados, a cabeça inclinada para saudar o recém-nascido sol. Os raios de limpeza jorravam nela, calmantes e quentes. Este era um ritual para a sua espécie, um necessário para rejuvenescer seus corpos e almas.

Hoje, Sia precisava de cura em todos os níveis possíveis, principalmente em seu coração.

Phaedra ofereceu um sorriso preocupado. — Como vai?

— Estou bem. Muito melhor hoje. — Era principalmente uma mentira, mas estava cansada de sentir pena de si mesma. Tinha muito tempo para isso quando estava sozinha. — É lindo aqui em cima.

Phaedra inclinou a cabeça pelo elogio. — Este é o único espaço da casa que está fora dos limites para os outros residentes. Às vezes me sinto culpada por não compartilhá-lo.

Sia sorriu. — Obrigada por compartilhar comigo.

— O prazer é meu, Tamisia. Gosto de ter você aqui. — Ela se acalmou, ficando reflexiva. — Só queria que você fosse mais feliz deste lado do véu, minha querida amiga.

— Suponho que terei que aprender a ser, certo?

Phaedra assentiu gentilmente, ciente do desejo de Sia de ir para casa e suas esperanças frustradas depois da noite anterior. Quando voltou para a casa com sangue no vestido e o cheiro acre de bar e fumaça de cigarro nos cabelos, Sia teve pouca escolha além de explicar o que aconteceu – e por quê.

Ela não teve que confessar seus sentimentos por Trygg, mas era um desastre emocional e ajudou ter alguém para se apoiar. Phaedra ouviu pacientemente, não oferecendo nenhum julgamento pela insensatez de Sia em se envolver com um homem que era incapaz de vê-la como outra coisa senão uma obrigação, uma responsabilidade.

Mas foi pior que isso. Sia se permitiu se importar com Trygg de um jeito que nunca se importou com qualquer outro homem.

Quando não estava frustrada ou enfurecida com ele, estava com medo de ter que admitir a percepção de que podia estar se apaixonando por ele.

O que só fazia a perspectiva de permanecer em Roma ainda menos atraente.

— Talvez eu deva viajar pelo mundo — pensou ela em voz alta, retomando sua meditação. Com os olhos fechados e o rosto voltado para o sol, tentou imaginar todos os lugares maravilhosos que poderia explorar nesse mundo mortal. — Eu poderia ir para onde meu capricho me levar, então sair e seguir para a próxima aventura antes mesmo de ter a chance

de ficar entediada. Se quiser, posso ter um novo amante em todos os portos – ou dois!

Phaedra riu ao lado dela. — Parece emocionante.

Sia assentiu, mas por trás das pálpebras fechadas não sentiu nada. Podia gostar de ver novos lugares e fazer coisas novas, mas o mais engajada que se sentiu em muito tempo foi aqui, trabalhando no abrigo.

E então cruzou com Trygg. Ele a fez se sentir viva. Ele a fez desejar, pela primeira vez, uma vida fora da colônia. Uma vida com ele. Ao lado dele, como parceiro em mais do que apenas as missões com a Ordem.

Mas não era assim que ele a via.

Ele provou isso ontem à noite quando arrancou certa vitória das mãos dela por não confiar que ela resolvesse as coisas sem a interferência dele.

Ela perdeu o suficiente de seus dias e suas noites sendo levada e subestimada por homens. Talvez fosse injusto colocar Trygg nessa categoria tão cedo, mas falou sério quando disse que podia se proteger muito bem sozinha.

E agora, a coisa mais inteligente que podia fazer era se proteger do erro irreversível de se apaixonar por ele.

O que significava colocar a maior distância possível entre eles.

Ela mergulhou profundamente em seus próprios pensamentos enquanto ela e Phaedra completavam o restante da meditação matutina em silêncio. Quando terminaram, Phaedra se virou para ela, considerando-a por um longo momento.

— Caso não saiba disso, Tamisia, você merece a felicidade. Onde quer que decida procurar.

Sia sacudiu a cabeça. — Não, eu provavelmente não...

— Sim, você merece. — Phaedra soltou a correia de couro presa ao seu pulso. A pequena esfera prateada de cristal da Atlântida brilhou quando ela libertou a pulseira e a estendeu para Sia. — Quero que você tenha isso.

— Não, eu não posso. — Ela balançou a cabeça. — Esse cristal é seu.

— Eu não preciso mais. Não preciso disso há muito tempo. Estou exatamente onde quero estar. — Ela sorriu conspiradora. — Use-o para levá-la em todas as suas viagens emocionantes.

— Phaedra, não. Não falei sério. Só estava fingindo que queria fazer essas coisas.

— Então o use para levar você para casa — disse ela, fixando a quente tira de couro no pulso de Sia, apesar de seus protestos. — Invoque seu próprio caso para o conselho. Se precisar de alguém para garantir que sua honra e sua dignidade sejam aceitos de volta ao rebanho da colônia, testificarei para você. A minha é apenas uma voz, mas houve um tempo em que significava algo no reino. Eu te ajudarei de qualquer maneira que puder.

Sia olhou para o pulso e para o presente extraordinariamente generoso da amiga. — Phaedra, obrigada por isso. E por tudo que me deu desde que cheguei aqui. Obrigada por ser minha amiga.

— A honra é minha. — Com um sorriso plácido, ela descansou a mão levemente no braço de Sia. — Que tal um pouco de chá?

Sia assentiu, mas não conseguiu encontrar sua voz. Sua garganta estava apertada e seus olhos ardiam enquanto olhava para o cintilante amuleto do outro mundo. O pedaço mágico de pedra cósmica a levaria a qualquer lugar que seu coração desejasse. Até mesmo para a colônia.

Só precisava ter a vontade de usá-lo.



CAPÍTULO 12

Savage estava esperando no corredor quando Trygg saiu de uma reunião a portas fechadas no escritório de Lazaro Archer no final da tarde. — Como foi lá?

— Tão bom quanto você podia esperar.

Savage grunhiu. — Merda. Muito ruim, né?

— Cinco cadáveres, e um deles é um integrante da JUSTIS que trabalhava com a corja de Santino nos últimos dois meses. — Trygg balançou a cabeça. — O comandante deveria ter mais que apenas chutado minha bunda. Se fosse Lucan Thorne, eu seria jogado fora agora.

A própria honra de Trygg – por mais fina que fosse – praticamente exigia que renunciasse à sua posição na Ordem e encontrasse outra coisa para fazer com seu tempo e habilidades variadas. A porra do lado de fora do clube com Sia foi completamente culpa dele. Perdeu todo o senso de razão quando viu Crespo sair com ela. Ver o bastardo levar Sia ao estacionamento como uma prostituta barata o empurrou até a beira de

uma fúria vermelha que não podia controlar. Mas foi o cheiro de seu sangue derramado – a percepção de que foi ferida – que destruiu toda a sua lógica e controle.

Não só perdeu a missão da noite para rastrear um membro do círculo íntimo de Santino, como também arriscou meses de trabalho da Ordem e uma equipe secreta dentro da JUSTIS.

Para colocar a cereja no topo da pilha fedorenta de erros, também perdeu Sia no processo.

Seguiram caminhos separados depois do massacre no clube. Ela foi diretamente para o abrigo a pé, um fato que sabia apenas porque secretamente a seguiu até lá, precisando ter certeza para sua própria paz de espírito que ela chegou em casa sem problemas.

Quanto a ele, estava no centro de comando desde então, se esforçando para recolher mais informação do cartão SD e qualquer outro dado que pudesse conseguir. O que realmente queria fazer era quebrar algo com os punhos.

Sia estava furiosa com ele e por um bom motivo, evidentemente.

Ele ainda não podia acreditar que ela planejava voltar para sua colônia sem sequer lhe contar sobre isso.

Então, novamente, se ela estava tão ansiosa para voltar ao seu povo, quem era ele para ficar no caminho dela?

Deveria ser aquele a manter a maldita porta aberta para ela sair da sua vida, de seus pensamentos. Do seu coração.

Da bonita bunda dela, ele se corrigiu severamente.

Mas não queria pensar nisso ou qualquer outra das boas qualidades de Sia.

Ele tinha a missão de recolocar os trilhos e pretendia fazê-lo.

Savage interrompeu seus pensamentos quando os dois começaram a descer o corredor. — O que acha das chances de que os negócios de Santino em Trapani esta noite ainda são uma jogada?

Trygg sacudiu a cabeça. — Não podemos ter certeza, mas também não podemos nos arriscar a perder a chance de descobrir. Lazaro e Lucan

acabaram de dar minhas ordens. Vou para o sul para vigiar a área assim que o sol se pôr.

Savage inclinou a cabeça. — Uma emboscada? Da última vez que soube, estávamos nos preparando para uma invasão se tivéssemos uma chance.

Trygg deu uma olhada para ele. — Mudança de planos, cortesia da JUSTIS. Desde que coloquei uma chave na investigação do lado deles, estão exigindo que a Ordem entregue quaisquer rédeas a eles. Se for um fracasso, eles ganham a vitória. Acabamos de ser rebaixados para uma operação de olhos e ouvidos apenas.

Savage zombou. — Em outras palavras, fazemos todo o trabalho, e depois telefonamos para a JUSTIS para que recebam o crédito.

— Parece certo — murmurou Trygg. — Lazaro e Lucan também não estão felizes com isso, mas como todos nós queremos que Santino saia do negócio de Dragão Vermelho, nós temos que jogar bem – pelo menos por enquanto. Lucan e a equipe em D.C. têm seus próprios problemas com a JUSTIS e as camadas de corrupção que infectaram a organização. Quanto a mim, não dou a mínima para quem me reporta. Só quero ver o trabalho feito e Santino limpo do tabuleiro.

Ao se aproximarem da área residencial do centro de comando, o som de vozes femininas foi transmitido de um dos quartos do andar principal. Ouvir a companheira de Savage, Arabella e a companheira de Lazaro, Melena, não era nenhuma surpresa, mas foi a outra voz suave que fez os pés de Trygg desacelerarem.

Sia.

Trygg não conseguiu esconder sua surpresa quando ele e Savage chegaram à grande entrada arqueada e encontraram as três mulheres sentadas no sofá e nas cadeiras do lado de dentro. Tinham uma bandeja de frutas e queijo na frente delas e copos de vinho tinto nas mãos.

O olhar de Trygg se fixou em Sia. — O que está fazendo aqui?

— É bom ver você também. — Seu tom era mais frio do que seu olhar. Na verdade, se soubesse alguma coisa sobre as fêmeas, podia ter

adivinhado que esteve chorando recentemente. — Vim dizer adeus às minhas amigas.

— Adeus? — Ele tentou ignorar o olhar de desaprovação das duas mulheres. — Quer dizer que está saindo de Roma?

Ela assentiu com a cabeça e ele sentiu como se seu coração de repente estivesse preso num torno.

— Quando?

— O mais cedo possível. Amanhã, muito provavelmente.

Porra. Estaria em Trapani em poucas horas numa missão que duraria a maior parte da noite. O que significava que as chances de vê-la novamente depois desse momento eram quase nulas. Disse a si mesmo que era o melhor. Se vê-la agora era como se garras de ferro quente estivessem se aprofundando em seu peito, como se sentiria se tivesse que vê-la sair?

— Aonde vai? — Suas palavras saíram ásperas, mais demanda que pergunta.

— Ainda não decidi. Posso eventualmente voltar para a colônia e apelar ao conselho para me perdoar.

— Entendo.

Nesse momento, notou a tira de couro que prendia seu pulso, sua pequena esfera de cristal cintilando à luz suave da sala. Sabia o que era o cristal. O homem da Atlântida e amigo da Ordem, Zael, usava o mesmo tipo de amuleto de teletransporte em seu pulso. Era como ele se transportava entre o mundo mortal e o seu.

Agora Sia também tinha um. De sua amiga Phaedra no abrigo, se tivesse que adivinhar.

Então, ela realmente decidiu. De um jeito ou de outro, Sia estava determinada a voltar para onde pertencia. Ele assentiu com a cabeça, os tendões em seu pescoço parecendo apertados.

— Ok. Então boa sorte para você, Sia.

Antes que ficasse tentado a dizer qualquer uma das coisas esfarrapadas que estavam saltando para sua língua, se virou e saiu da sala sem outra palavra.

Ele chegou até seus aposentos e invadiu o quarto quando a voz de Sia soou na porta aberta.

— É isso? Isso é tudo que vai dizer para mim?

Ele ficou no centro do quarto, seu olhar furioso sobre ela quando se virou para ela. — O que espera que eu diga?

Sua risada de resposta foi frágil. — Está certo. Isso é exatamente o que eu deveria esperar. Desculpe-me se estou te incomodando com minha presença, Trygg. — Ela se virou, então pareceu reconsiderar quase com a mesma rapidez. — Não. Sabe o que? Não sinto muito por incomodar você. Lamento que não tenha sido assim antes.

— Antes de quê, Sia?

— Antes que eu me jogasse em você como uma idiota na outra noite. Se você fosse tão frio e desapegado o tempo todo, nada disso teria acontecido.

Ele não estava tão certo disso, mas não apontou. — Felizmente, quando você estiver fora, não teremos mais que lamentar.

Ela se encolheu como se ele acabasse de bater nela. — Que coisa cruel de se dizer.

— É? — Ele honestamente não sabia. Um suspiro de remorso saiu dele. — Não sou bom nisso, Sia. Não sei o que dizer que não vai te machucar. Tudo que realmente sei fazer é caçar, matar. É o que sou.

— Não. Isso é o que foi forçado a ser quando criança. — Ela deu um passo para dentro do quarto. — Quem você é agora é com você. Da mesma forma que eu agora preciso decidir quem eu serei.

— Você já sabe, Sia. Essa pulseira me diz que já fez sua escolha.

Ela tocou a esfera de cristal, então olhou para ele com um argumento em seus olhos. — Então me ajude a mudar de ideia, Trygg.

Ele recuou, possivelmente a primeira vez que se retirou de qualquer coisa em sua vida. — Não me peça para fazer isso. Não tenho nada para te oferecer. Não enquanto Santino estiver vivo.

Ela permaneceu em silêncio por um longo momento, emoção brincando sobre seu rosto adorável. Quando finalmente falou, havia uma resignação silenciosa em sua voz. — Então me ofereça a verdade antes

de eu ir. Por que é tão importante para você que Roberto Santino seja impedido?

— Você sabe por que. Já lhe disse, entreguei meu braço para a Ordem e esta é uma missão que pretendo ver até o fim.

Mas Sia era esperta demais para deixar isso passar. Ela ouviu em silêncio, mas seu olhar estava tudo menos satisfeito com sua resposta mecânica. — Por que está perseguindo Santino tão decididamente, Trygg? É para acabar com a dor que ele está causando à população Raça com seu tráfico de Dragão Vermelho, ou por causa de como você descreveu a maneira como ele está usando jovens rapazes?

— Não é uma dessas razões o suficiente para alguém querer o idiota morto?

— Sim, é — respondeu ela calmamente. — Mas estou perguntando sobre você. — Ela deu outro passo em sua direção. — Não pode, pelo menos, deixar-me entrar tempo suficiente para me dizer o que aconteceu com você? Trygg, Roberto Santino...

— Não. Não foi ele. — Sua resposta foi afiada e rápida, como uma lâmina. Trygg esfregou a cicatriz que percorria sua bochecha. Não tinha intenção de fazer este passeio pela estrada da memória, muito menos com Sia.

Mas ela estava o levando a lhe dar a verdade. Empurrando-o como fez na outra noite em seu apartamento. Ela estava tirando-o da segurança da sua escuridão e o levando para a luz o tempo todo.

— Eu tinha quatorze anos quando o colar de Hunter saiu — disse a ela, cada palavra um chicote que deixava sua boca. — O laboratório onde Dragos nos manteve de repente foi aberto, as fechaduras desfeitas. Minha gaiola e a de todos os outros meninos abertas. Nós nos espalhamos. Nós apenas... Corremos. Eu vaguei pela Nova Inglaterra por vários meses. Estava nevando, muito frio, quando uma mulher humana me viu andando descalço na beira da estrada em Connecticut e parou para me pegar. Seu nome era Vicky. Ela tinha cabelos amarelos e um sorriso que parecia ocupar metade do rosto. Ela me ofereceu abrigo e

uma cama. Sua cama. Mas eu não sabia disso quando entrei no carro dela.

Sia estremeceu quando ele falou, ternura nos olhos dela.

— Ela morava num decadente prédio de apartamentos numa das cidades maiores. Sempre havia homens indo e vindo, muitas vezes dezenas num dia. Às vezes ela vendia drogas. Outras vezes vendia seu corpo. Depois de um tempo, começou a vender o meu. Ela me mostrou para mulheres, homens, múltiplos. Qualquer um que pagasse.

Sia fez um ruído enjoado e estrangulado. — Você era apenas uma criança.

— Aos quatorze anos eu não era uma criança — corrigiu ele sem emoção. — Mas não sabia nada sobre sexo ou dependência. Não sabia o suficiente sobre as pessoas para perceber que ela estava me usando.

— Ela fez mais do que usar você, Trygg. O que ela fez foi inconcebível.

Ele deu de ombros, sem necessidade de simpatia. Sabia que seu olhar era afiado e cortante enquanto segurava o dela agora, mas não se importava. Não podia se permitir importar com o que Sia pensava dele ou poderia finalmente quebrar como nunca antes.

— Troquei uma forma de escravidão por outra. Dragos me manteve prisioneiro com um colar UV. Vicky me acorrentou com palavras gentis, pelo menos no começo. Deixei ela me trocar porque pensei que ela se importava comigo, até me amava. Quando finalmente vi através de suas mentiras, disse que estava saindo. Para ter certeza de que ela entendia que eu falava sério, raspei minha cabeça para me livrar do longo cabelo preto que ela insistiu em manter. Ela ficou lívida. Veio na minha cara com uma faca de cozinha.

Sia engoliu em seco, seu olhar horrorizado deslizando para sua cicatriz. — Oh, Trygg.

Ele sorriu friamente. — Eu poderia tê-la parado antes que ela me cortasse. Permiti que isso acontecesse. Deixei que ela estragasse minha aparência, depois virei a lâmina e cortei a garganta dela. Saí naquela mesma noite e nunca mais olhei atrás.

Agora o horror de Sia parecia se equilibrar. Bom. Melhor ela olhar para ele com cautela, até mesmo medo, do que deixar seus últimos momentos com ele serem de pena.

Trygg riu sem humor. — Eu te disse o que eu era, Sia. Um assassino. Talvez agora você entenda.

Ela balançou a cabeça. — Você se defendeu. Mas por que deixou a ferida ficar após deixar Vicky? Você é Raça. Seu corpo deveria ter se curado antes de deixar uma cicatriz assim.

— Eu não queria curar. Queria um lembrete, então me privei de sangue tanto quanto pude. Meu corpo estava esgotado demais para consertar.

— E você mantém o cabelo raspado como um lembrete também — murmurou baixinho. — Trygg, eu sinto muito. Sinto muito por tudo que teve que suportar.

Ele soltou um suspiro severo. — Não sinta. Você pediu respostas e eu as dei. Agora, volte para seu mundinho perfeito e abrigado com seu pessoal e me deixe aqui.

Ele se afastou dela como uma despedida, esperando ouvir seus passos saindo do quarto. Mas ela não foi embora. Ela veio por trás dele e as mãos dela descansaram suavemente em suas costas.

— O que mais você quer, Sia?

— Eu quero você. Você não vê isso? — A bochecha dela estava quente, onde a pressionou contra ele. — Não me deixe ir assim. Eu quero sentir seus braços em volta de mim novamente. Preciso disso, Trygg. Mesmo que seja a última vez.

Ele enrijeceu, endurecendo com todas as emoções que brigavam dentro dele ao pensar em sua partida como boa. Quando girou para encará-la, sabia que seus olhos estavam em chamas de âmbar. — Uma última foda antes de você sair, é isso? — Suas palavras eram cruéis, mas elas eram a única arma defensiva que tinha quando encarava seu olhar ferido. — Não faço mais programa, Sia. E não preciso da sua piedade.

Ela cambaleou para trás em seus calcanhares. Lágrimas brotaram em seus grandes olhos azuis, mas não caíram. Seu peito estava arfando, sua boca frouxa enquanto balançava a cabeça em silêncio.

Então lentamente se afastou dele e saiu pela porta.



CAPÍTULO 13

Sia sentiu-se entorpecida quando saiu dos aposentos de Trygg.

Seu coração se partiu pela inimaginável dor e abuso que ele descreveu. Doía para consolá-lo, mas ele não queria isso. Ele não queria mais nada dela, e a rejeição dele abriu um vazio dentro dela diferente de tudo que já conheceu.

Mais uma razão para ela ir e nunca olhar atrás.

Mas deixar Trygg era a última coisa que se sentia pronta para fazer.

Bella e Melena esperavam na sala quando ela voltou. Deram uma olhada em seu rosto ferido e correram para ela, levando-a para dentro com palavras ternas de preocupação.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Entre e sente-se, Sia. Parece estar prestes a entrar em colapso.

Ela sentiu como se pudesse desmoronar, e a profundidade de sua tristeza a chocou. — Eu realmente deveria ir — murmurou ela, sacudindo

a cabeça. — Vocês foram tão gentis, e aprecio isso mais do que podem saber. Mas tenho coisas a fazer antes de...

O som da pesada bota no corredor atraiu a atenção das mulheres.

As sobrancelhas de Melena se apertaram em apreensão. — O que na Terra?

Ela e Bella correram para o corredor. Sia as seguiu ansiosamente, bem a tempo de ver Trygg sair correndo vestindo roupas de combate.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Bella.

Ele inclinou às mulheres um olhar ao passar, seu olhar mal roçando Sia. — O rastreador que colocamos no endereço de e-mail de Santino acaba de soltar um alerta. Ele tem uma carga saindo do porto de Nápoles em duas horas, indo para Trapani.

— O que aconteceu com o reconhecimento? — perguntou Melena a Lazaro, quando seu companheiro e Savage se juntaram a Trygg no corredor, todos vestidos para combate. — Pensei que JUSTIS lidaria com a queda?

— Não há tempo para reconhecimento — disse Lazaro. — Lucan quer que isso seja tratado agora. JUSTIS pode nos agradecer depois.

Melena e Bella ofereceram apressadas, mas tenras despedidas para seus companheiros, enquanto Sia ficava parada, sem jeito, assistindo Trygg dirigir-se ao veículo que esperava com um propósito sombrio e solitário.

Em instantes, a equipe partiu, deixando as mulheres para monitorar a missão no centro de comando. Sia provavelmente deveria ter tomado isso como sua deixa para ir, mas nada podia tê-la convencido a ir quando sabia que Trygg e seus companheiros se dirigiam para um confronto potencialmente letal.

Ela correu para a sala de guerra com as duas Companheiras de Raça e se acomodou no que temia ser uma noite longa e preocupante.

* * * *

Pouco menos de duas horas depois, Trygg e seus companheiros de equipe chegaram à antiga cidade lotada de Nápoles. O porto estava ocupado com rebocadores e navios porta-contêineres carregando e descarregando no escuro. Impossível determinar qual da meia dúzia de porões podia conter produtos de Santino.

Trygg e Savage se dividiram para cobrir mais terreno a pé, cada um deles mantendo-se nas sombras enquanto farejavam os caixotes e caixas de suprimentos que entravam e saíam. Lazaro saiu sozinho para ver se podia encontrar Santino ou algum dos seus tenentes à espreita no cais ou na cidade. Se as mensagens do chefe fossem alguma coisa, a remessa desta noite era de alto valor e alta prioridade para a organização dele.

O que quase certamente significava um monte de Dragão Vermelho.

— Tenho muito movimento na doca sul — relatou Savage sobre o receptor no ouvido de Trygg. — Estou indo para um olhar mais atento.

— Entendido — murmurou Trygg.

Estava de olho em outro navio de carga – um menor, que chamava pouca atenção para si mesmo enquanto suas cordas eram afastadas e ele saía silenciosamente da extremidade do cais iluminado pelo luar. Seja o que for que este navio não digno de nota carregasse, aparentemente já estava seguro por dentro.

Os instintos de Hunter de Trygg pinicavam.

Este era o navio de Santino, ele não tinha dúvidas.

Embora suas ordens fossem vigiar as docas e relatar aos seus companheiros de equipe qualquer atividade incomum, não havia tempo a perder. Se quisesse ver o que aquele navio transportava, teria que embarcar.

— Acho que encontrei alguma coisa — sussurrou em seu dispositivo de comunicação. — Vou entrar.

Sem esperar por uma resposta, correu para o final do cais e saltou. Sua agilidade Raça levou-o direto para o convés traseiro. Ele pousou silenciosamente, caindo numa rolagem que o levou atrás de uma grande caixa de madeira.

Um grupo de cinco membros da tripulação, de macacão cinza, tripulava o convés. Não o notaram quando ele se arrastou no escuro, indo até a escada que levava aos porões abaixo enquanto o navio se afastava para o mar. Esperou alguns minutos até que a costa estivesse limpa, então se abaixou e desceu os degraus de metal.

Em seu ouvido, a voz profunda de Lazaro estalou numa sequência quebrada de palavras impacientes. — Trygg. DC. Informação. Abortar.

Merda. Mesmo cortado e cheio de estática, isso não soava bem.

Mas Trygg já estava no porão de carga, e podia sentir o cheiro doentio e doce do Dragão Vermelho vindo das caixas empilhadas em fileiras e fileiras na frente dele. Solto a fechadura de um dos contêineres e descartou os cabos que o prendiam. Erguendo a tampa da caixa grande, olhou para dentro. Não era o que esperava.

Em vez de uma caixa de papelão embalada com o narcótico matador de Raças, havia apenas alguns sacos selados dentro. Apenas o suficiente para deixar um cheiro para quem procurasse por eles. Isto é, qualquer Raça.

Especificamente, alguém da Ordem.

Jesus Cristo.

Trygg se aproximou e retirou alguns das sacolas.

A carga real estava embaixo deles. As narinas de Trygg se encheram com o odor metálico e ácido dos explosivos. O suficiente para derrubar metade de um quarteirão da cidade.

Ou um pequeno cargueiro.

* * * *

— Oh, meu Deus. — O rosto de Melena estava flácido quando terminou seu telefonema com Lazaro. — Foi tudo uma armadilha.

Bella ficou boquiaberta. — Uma armadilha? O que quer dizer?

— Uma montagem. O vírus no e-mail da informação que Trygg forneceu era falso. Santino só queria que a Ordem pensasse que tinha

uma remessa de Dragão Vermelho deixando Nápoles. Esperava atraí-los para interceptar o carregamento por algum motivo.

O olhar de Bella era grave. — Há apenas uma razão para ele fazer isso.

Sia viu a preocupação nos rostos de suas amigas e sabia que sua própria aparência deveria ser igualmente rígida. — Onde está o Trygg?

Melena deu-lhe um olhar sóbrio. — Lazaro perdeu o contato com ele alguns minutos atrás. Ele está tentando avisá-lo, mas algo está prejudicando os dispositivos de comunicação. Lazaro acha que é algum tipo de bloqueio de sinal.

O coração de Sia afundou com pavor a cada segundo que passava. — Onde está Trygg, Melena?

— Ele está no navio. Saltou a bordo sozinho enquanto saía do porto. — Ela balançou a cabeça num pedido de desculpas. — Lazaro não sabe se alguma de suas tentativas de chegar ao Trygg funcionou ou não.

— Alguém tem que avisá-lo. — Pânico a inundou, junto com uma sensação incapacitante de pesar.

Não. Qualquer que fosse a armadilha de Santino, não pegaria Trygg. Ele era forte demais para isso. Muito inteligente.

Mas isso não impediu o medo de dominá-la.

O homem que amava estava em perigo, sem comunicação e, possivelmente, totalmente inconsciente de que ele e seus companheiros acabavam de ser manipulados pelas mãos de Santino.

— Alguém precisa encontrar o Trygg antes que seja tarde demais.

Melena assentiu. — Lazaro e Savage estão trabalhando nisso. Vão pegá-lo, Sia.

— E se não pegarem? — Sua voz subiu junto com seu alarme. — E se chegarem tarde demais?

Ansiosamente, andou até o grande mapa iluminado na parede da sala de guerra. Dois pontos vermelhos brilhavam na área de Nápoles. O terceiro estava faltando. O sinal de Trygg foi interrompido pelo mesmo bloqueio, impedindo que seus companheiros de equipe o alcançassem.

— Onde o navio de carga está localizado?

— Não sei exatamente — disse Melena. — Lazaro não disse.

— Descubra, Melena. Faça isso rapidamente. Por favor.

— Tudo bem. — Ela ligou para o seu companheiro e pediu-lhe a informação. Quando pareceu demorar mais que alguns segundos para a resposta, Sia marchou e pegou o telefone da mão de sua amiga.

— Preciso das coordenadas exatas, Lazaro. O mais perto que puder identificar.

Ela ficou na frente do mapa enquanto ele sacudia uma localização aproximada a vários quilômetros do mar. Sia se concentrou naquele ponto no mapa. Não era exato, mas teria que servir.

Podia ser a única esperança que tinha.

Sia jogou o telefone para Melena, depois virou todo o foco para o bracelete no pulso. A minúscula esfera de cristal da Atlântida começou a brilhar. Continuou queimando mais forte, até que finalmente se acendeu como uma supernova.

E então ela desapareceu.



CAPÍTULO 14

Sia caiu na água fria e escura.

Seu corpo mergulhou abaixo da superfície, abaixo e abaixo e abaixo, enquanto as ondas gigantescas rolavam acima dela. Uma luz laranja repentina e brilhante entrou em erupção enquanto ela lutava para subir. A percussão sacudiu o mar ao seu redor, a cabeça latejando com o súbito estrondo de uma explosão maciça.

Não!

Ela lutou até chegar à superfície, engolindo bocados de água salgada a cada grito de pânico.

Não. Não podia estar atrasada.

— Trygg! — Ela começou a gritar o nome dele no instante que sua cabeça emergiu das ondas.

O mar lambia seu rosto, salgado e frio. Enchendo seus pulmões, encharcando suas roupas, as ondas ameaçaram arrastá-la para baixo. Ela nadou em direção à bola de fogo que balançava a centenas de metros

de distância, com o coração partido enquanto olhava para a completa obliteração do que foi o navio de carga para o qual Lazaro a orientou.

— Trygg!

Sia piscou os olhos incrustados de sal e olhou para a escuridão. Mas enquanto procurava nas ondas e os destroços flutuantes, ele não estava em lugar nenhum.

Ela chupou ar e mergulhou, forçando os olhos a abrirem e usando sua visão sobrenatural para procurar formas na água negra.

A busca foi cansativa, horrível. Trygg não era o único homem a bordo do navio-emboscada de Santino. Sia nadou por membros e outros remanescentes grotescos da tripulação, que aparentemente não sabia que velejava para a morte.

Mas então viu a forma grande de um homem que conhecia em qualquer lugar.

E para seu alívio, o corpo de Trygg estava intacto.

Ela nadou para ele, impelida por uma sensação sombria de alegria. Ele estava vivo. Mas estava inconsciente na água, com o rosto para baixo, sangrando profusamente. Por algum milagre, ele sobreviveu à explosão, mas não demoraria muito para os tubarões virem. Não havia tempo para avaliar a gravidade de suas feridas. Precisava colocá-lo em terra firme primeiro.

As luzes de Nápoles e do resto da costa da Itália cintilavam ao longe. Sia conseguiu nadar com Trygg a reboque, mas a ilha íngreme e recortada de Capri estava mais perto.

Nadou com o corpo imóvel de Trygg até o abrigo arqueado de uma caverna na base da ilha rochosa, invocando sua força e velocidade atlantes para levá-los para lá rapidamente. Deitando-o gentilmente na pequena e arenosa inclinação, ela rasgou a roupa preta esfarrapada e observou a extensão dos ferimentos.

Queria ser grata por ele estar vivo, mas as feridas eram muito mais graves do que percebeu na água. Onde quer que olhasse, a pele estava rasgada e cheia de lacerações e contusões. O rosto dele também. O rosto robusto, cheio de cicatrizes e bonito.

— Oh, Trygg — sussurrou, inclinando-se para descansar sua bochecha contra a dele. — Desculpe, não cheguei antes. Por favor, acorde.

Ele era Raça e, embora ela não soubesse quanto tempo passou desde que se alimentou pela última vez, nenhuma quantidade de sangue humano seria capaz de consertar tantos ferimentos. E estes eram apenas os que ela podia ver. Internamente, ele devia estar sofrendo também.

Em pouco tempo, estaria morrendo.

Sia não pôde fazer nada para reprimir o soluço que escapou de sua garganta. — Trygg, por favor, não me deixe. Eu te amo. Não posso te perder assim.

Ele não respondeu. Sua respiração era superficial, muito lenta.

Ele precisava muito de sangue.

Se tivesse uma companheira de Raça como Melena ou Bella, seu sangue poderia ser forte o suficiente para nutrir as células e órgãos antes que a morte o levasse. Mas Trygg precisava de algo ainda mais poderoso que isso.

Sia tinha o poder de salvá-lo.

Seu sangue atlante era imortal. Ela podia reanimá-lo, mas como uma Companheira de Raça, alimentá-lo com seu sangue significava ligá-lo a ela para sempre. Mas pior que isso, estaria fazendo isso sem o consentimento dele.

Acorrentando-o a ela da mesma forma que foi escravizado por Dragos e depois por Vicky. Só que com Sia, esse grilhão seria inquebrável.

Isso seria para sempre.

Ela não conseguia pensar em nada que gostasse mais do que tê-lo ao seu lado pelo resto de seus dias, mas Trygg poderia discordar. Ele podia desprezá-la por tomar a escolha dele, mesmo que a morte fosse a única alternativa.

Ele engasgou com sangue e água, pequenas bolhas se espalhando por seus lábios. Ela não teve muito tempo para decidir. Se esperasse muito mais tempo, nem mesmo ela poderia salvá-lo.

Com um gemido miserável, tirou um dos punhais dele da bainha no cinto dele. A lâmina brilhava como mercúrio na escuridão da gruta.

— Perdoe-me — sussurrou, em seguida, passou a borda do aço afiado em seu pulso e segurou a ferida sangrando na boca dele.

* * * *

Os sentidos de Trygg voltaram a ficar ativos, como se impulsionado pelo próprio sol.

A luz derramava nele; quente, sedosa e profundamente poderosa. Onda após onda rugia através de seu corpo, consertando cada membro e órgão, infundindo cada célula. Trazendo-o das profundezas de uma escuridão fria que estava certo que deveria ser sua morte.

Era, ele percebeu, quando sua mente consciente começou a juntar tudo.

O navio de carga.

O embarque chamariz de Dragão Vermelho.

A carga de explosivos escondida explodiu quando ele saltava do convés do barco para escapar da armadilha de Santino.

E agora isso.

A luz.

O poder.

— *Sia?* — Ele abriu os olhos e piscou na escuridão de uma caverna de pedra úmida.

Ela se sentava ao lado dele numa pequena cama de areia, os joelhos dobrados, o rosto apoiado nos braços cruzados. Estava chorando. Lágrimas riscavam seu lindo rosto quando levantou a cabeça e olhou para ele.

— Trygg. — Seu nome era um sussurro ofegante, cheio de alívio. E de arrependimento.

— Onde estamos? — Sua voz estava grogue com o uso indevido e os prováveis galões de água salgada que ingeriu após a detonação o jogar no mar por Deus sabe quanto tempo.

E então percebeu o que a presença de Sia ao seu lado realmente significava.

— Você veio atrás de mim? — Soou como uma acusação e ela se encolheu. — Sia, o que diabos você estava pensando?

Ela balançou a cabeça. — Lazaro disse que perdeu contato com você. Alguém precisava avisá-lo que o barco de Santino era uma armadilha. Alguém precisava tentar chegar até você a tempo...

— Não você, droga! — Ele engasgou com as palavras, seus pulmões ainda alagados e crus. — Você é a última pessoa que quero arriscar em algo tão imprudente quanto isso.

— Eu era a única que podia — respondeu ela. — O cristal me levou ao local do barco, mas cheguei tarde demais. Explodiu assim que cheguei lá.

Ele olhou para essa mulher Atlante – essa mulher que era tão corajosa quanto qualquer guerreiro que já conheceu – e sentiu o peito inchar de orgulho. E gratidão.

Uma série de emoções ternas o inundou, todas centradas em Sia.

Ele olhou para as mãos cruzadas e franziu a testa. Seus pulsos estavam vazios. — Você perdeu seu cristal.

Ela encolheu os ombros. — Ele caiu em algum lugar na água quando eu estava trazendo você aqui.

— Vou ajudá-la a encontrá-lo — ofereceu lamentavelmente. — Vou fazer com que tenha outro. Se for o que você quer.

— Não é isso que eu quero, Trygg. — Lágrimas frescas derramaram por suas bochechas. Ela as limpou, virando o rosto para longe dele.

Ele se levantou, tomando um momento para avaliar o que deveriam ser lesões catastróficas da explosão e seu acidente no mar. Mas não viu nenhuma marca em seu corpo. Não sentiu dores de ossos quebrados ou contusões.

Nunca se sentiu mais forte ou mais poderoso em sua vida.

E seu rosto... Cristo, até mesmo isso parecia diferente agora. O familiar puxão de sua cicatriz cada vez que movia os lábios ou piscava o olho se foi.

Ele estendeu a mão para sentir a linha irregular, mas não estava mais lá.

Seu rosto estava curado.

Levou apenas um instante para entender o motivo. — Você me deu seu sangue.

— Sinto muito — murmurou. — Não sabia mais o que fazer. Você se machucou tanto quando te encontrei na água e eu...

— Por que fez isso? — Uma maldição explodiu dele quando o pleno entendimento do que ela fez afundou em seu cérebro. Ele pegou o queixo trêmulo na ponta dos dedos e voltou o olhar para o dele. — Por que veio atrás de mim, Sia?

— Porque eu te amo.

Toda sua respiração o deixou numa rajada espantada. — Você não deveria. Deveria guardar seu amor para um homem que é mais merecedor. Alguém mais gentil. Alguém mais limpo. Estas mãos estão manchadas de sangue, Sia. Sempre estarão. Não é o tipo de mãos que deveriam tocar você.

— Não quero mais ninguém. Eu escolho você. — Ela endireitou os ombros, algo dos arrogantes e majestosos atlantes empurrando a altruísta e terna mulher que também sabia que ela era. — Eu escolhi, Trygg. Há apenas você.

Ele segurou seu olhar, incapaz de resistir ao desejo de alisar os dedos ao longo da curva suave de sua bochecha. — É por isso que me alimentou com seu sangue?

— Não podia deixar você morrer, Trygg. Mesmo que isso significasse que você viveria o resto da sua vida me odiando pelo presente.

Ele ouviu sem falar, considerando o que significaria estar vinculado a ela para sempre. Nenhuma outra mulher seria capaz de saciar sua sede. Nenhuma outra mulher inflamaria seu desejo do jeito que o sangue de Sia o faria. Ela era uma parte dele irrevogavelmente.

Ele se aproximou dela, ansiando por seu calor... Sempre. — Durante a maior parte da minha vida, só soube odiar as correntes que me prendiam. Agora você colocou uma nova em mim.

Ela fechou os olhos, remorso enchendo seu lindo rosto. — Eu sei, Trygg. E estou triste...

Ele a silenciou com um beijo profundo e sem pressa. — Eu não sinto muito, Sia. Não consigo pensar em nenhum presente maior do que o que você me deu agora. Seu sangue. Seu vínculo. Seu amor.

Um grito suave passou por seus lábios. — Pensei que você me desprezaria.

— Não, Tamisia. Eu te amo.

Ele pegou o rosto dela entre as palmas das mãos e a beijou novamente, saboreando seu gosto. Através do vínculo de sangue, podia sentir a profundidade de sua afeição por ele. Seu amor era uma luz que brilhava dentro dela, enchendo seu próprio coração com um calor extraordinário e fantástico.

Era assim que seria entre eles a partir de agora, sua vitalidade e emoção fluindo dentro dele. Em vez de segurá-lo, esse grilhão o libertava.

Isso desencadeou um impressionante desejo dentro dele.

— Sia — murmurou ele, puxando-a contra ele enquanto o beijo se inflamava em algo que nenhum deles podia conter. — Você é minha agora.

— Sim — sussurrou ela contra seus lábios. — Só sua, Trygg.

Suas presas responderam tão rapidamente quanto o resto dele. Sia lambeu os lábios, parecendo entender o que ele precisava. Sua expressão faminta lhe disse que ela precisava da mesma coisa.

Ele a acomodou na areia fofa com ele. Tiraram os trapos úmidos e esfarrapados de suas roupas e, em seguida, Trygg estava dentro dela, os dois se movendo juntos num ritmo tão venerável quanto urgente. Não havia como resfriar o desejo deles sem diminuir a liberação intensa e compartilhada.

— Beba de mim — murmurou ele, o brilho de sua íris banhando sua pele leitosa em ardente luz âmbar enquanto balançava dentro dela. Com os olhos nos dela, ele mordeu o próprio pulso, abrindo furos gêmeos nas veias. — Preciso saber que você será minha para sempre, minha linda Tamisia.

— Oh, Trygg — murmurou ela, um sorriso prazeroso curvando seus lábios um instante antes de sua língua tocar a pele dele. — Eu já sou.

Ele inclinou a cabeça num gemido de puro êxtase quando ela fechou a boca sobre as feridas e começou a se satisfazer.



ΕΠÍΛΟΓΟ

O fresco ar salgado atacou o rosto de Trygg enquanto o barco de pesca cortava as ondas escuras. Sentada ao lado dele num banco na popa do antigo navio, Sia se aconchegou perto do calor de um cobertor grosso, os braços ao redor do torso.

Tão bom quanto foi o romance, a viagem iluminada pela lua ao continente deixava algo a desejar. Lazaro esteve no telefone via satélite com Lucan nos últimos dez minutos, enquanto Savage ocupava o leme.

— Santino está morto — disse o comandante ao terminar a ligação para D.C.

— O quê? — Trygg se inclinou, dividido entre euforia e uma decepção mórbida de que não foi ele quem mandou o bastardo a caminho do inferno.

Lazaro assentiu. — Aconteceu há uma hora. Acontece que um dos meninos de quem Santino abusou guardou rancor. Dez anos depois, o garoto voltou todo crescido e atirou no filho da puta enquanto dormia.

Savage lançou um sorriso por cima do ombro. — A vingança é realmente um prato melhor servido frio.

— De qualquer forma — disse Lazaro —, Santino está fora do caminho, mas isso não significa que alguém não tomará o lugar dele. O Dragão Vermelho é muito lucrativo e muito eficaz como arma contra nós para esperar que alguém o deixe inexplorado.

— Então continuaremos derrubando os idiotas até acabarmos com todo o resto do veneno — disse Sia.

Trygg riu. — Cuidado. Está começando a soar como uma de nós.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele. — Algo de errado com isso, guerreiro?

Ele sorriu. — Não senhora. Nada errado.

— Assim está melhor. — Ela pegou seu rosto e o beijou com força, não parecendo se importar que seu comandante e um de seus companheiros estavam observando.

Para espanto de Trygg, ele também não se importava.

Depois de um momento, Lazaro pigarreou. — Suponho que isso significa que não me pedirá mais cartas de recomendação, afinal, Sia?

Ela se afastou da boca de Trygg e sorriu para Lazaro. — Não, a menos que queira escrever uma para Lucan Thorne.

O comandante sorriu. — Isso provavelmente poderia ser arranjado.

Trygg mordeu o lóbulo da orelha dela. — Não acha que devemos falar sobre isso primeiro?

— Acabamos de falar. Parceiro.

Ele gemeu, mas não havia raiva. — Não consigo pensar em ninguém que prefira ter ao meu lado, Sia. Na Ordem e na vida.

— Isso é bom — disse ela. — Porque é exatamente onde pretendo ficar. Para sempre.

Ele riu, pressionando outro beijo em seus lábios enquanto arrastava o cobertor sobre suas cabeças, contente em deixar seu dever, seus irmãos de armas, e o resto do mundo desaparecer por um tempo.